



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

ELAN FERNANDO CAMPELO DO SANTOS

DIREITA E ESQUERDA: discursos políticos e implicações na construção de subjetividades no Facebook.

ELAN FERNANDO CAMPELO DOS SANTOS

DIREITA E ESQUERDA: discursos políticos e implicações na construção de subjetividades no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração estudos de linguagem e práticas discursivas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz.

ELAN FERNANDO CAMPELO DOS SANTOS

DIREITA E ESQUERDA: discursos políticos e implicações na construção de subjetividades no Facebook.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: estudos de linguagem e práticas discursivas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz.

Aprovado em / /

Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz
ORIENTADORA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^a. Dr^a. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof^a. Dr^a. Ilza Galvão Cutrim
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

DIRBITA B BSQUBRDA : discursos políticos e implicações
na construção de subjetividades no Facebook / BIAN
FERNAND9 CAMPBLQ DQS SANTQS. -2021.

98 p.

Orientador(a): MONICA DA SILVA CRUZ.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/LCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2021.

1. DIRBITA. 2. DISCURSO. 3. BSQUBRDA. 4.
SUBJETIVIDADES. I. DA SILVA CRUZ, MONICA. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A todos da minha família, meu eterno agradecimento. Resumo o nome de todos na figura da minha mãe. Pessoa que amo mais que tudo e a quem dedico todo meu amor.

Aos amigos que estão sempre ao meu lado, que nunca deixam de acreditar em todas as minhas empreitadas, que não largam a minha mão e que estão sempre dispostos a me ajudar, dedico também a vocês.

Aos amigos que estão desde o período da escola, como Celso e Marianne. Aos que fazem parte da minha trajetória acadêmica, como Camila, Dandara, Fábio, Gladson, e hoje são amigos de uma vida.

A Guilherme, por ser o irmão que sempre tive. À Ingrid Costa, por ser a amiga, chefe e parceira que sou grato por ter. A Rafael, o maior presente na minha vida nos últimos tempos.

Às amigas que estão comigo todos os dias, do bom dia a qualquer coisa que eu precise, elas são meu contato de emergência: Luciana, Ana, Glória e Beatriz, amo vocês.

Aos amigos que o mestrado me deu: Gêssica, Marcelo, Letícia, Camila, Andréia. Muito obrigado. Em especial, agradeço à Camila Cutrim, não tenho palavras para o suporte que ela me proporcionou, além das risadas e momentos incríveis.

Ao grupo GPELD, pelas inúmeras contribuições acadêmicas e *insights* importantíssimos. À professora Roselene Coito, pela disponibilidade e acréscimos à pesquisa. À professora Ilza Galvão, por ter sido uma professora incrível, além de muito ter contribuído com o trabalho.

Em especial, a professora Mônica Cruz, orientadora e ser humano incrível, a quem serei eternamente grato, de todo meu coração. Muito obrigado, professora!

RESUMO

No Brasil, no período de eleições para presidente (2018), e, após um período de instabilidade política já identificada antes do *impeachment* da, então, presidente Dilma Rousseff, o país se encontrou imerso em uma polarização que sugere, até o momento atual, uma divisão entre os que estão alinhados ao pensamento político de esquerda e os que estão alinhados ao pensamento político de direita. Nesse contexto, as redes sociais surgiram como um local em que as discussões, exposições e filiações, que antes do advento das mesmas aconteciam face a face, passassem a fluir com maior frequência. A partir de então, ler/ouvir termos como *coixinha*, *esquerdopata*, *petralha*, sendo usados como alcunha para identificar sujeitos que estejam ligados a posições que representem esse posicionamento político de direita e de esquerda, eram, a época algo corriqueiro, na atualidade, continuam a partir de novas configurações como *gado*, *bolsominion*. Esse movimento de diferenciação entre esquerdistas e direitista no Brasil, embora não seja novo, tem mostrado muito além das escolhas políticas. A partir de conceito da Análise do Discurso francesa de matiz foucaultiana, e de autores como FOUCAULT (2014, 2016), COURTINE (2014), PIOVEZANI (2009), entre outros, analisamos *posts* feitos durante o período das eleições de 2018, em um grupo fechado do Facebook intitulado *Direita x Esquerda*. Assim, conclui-se que os efeitos dos discursos produzidos pelos sujeitos que se definem como de Direita ou de Esquerda revelam muito sobre o próprio sujeito. Dessa forma, muito mais do que somente uma posição política, o sujeito externa suas subjetividades em construção; e nessa construção, ele deixa entrever suas filiações, suas negações e afirmações.

Palavras-chave: Discurso; Direita; Esquerda; subjetividades.

ABSTRACT

In Brazil, in the period of elections for president (2018), and, after a period of political instability already identified before the impeachment of, then President Dilma Rousseff, the country found itself immersed in a polarization that suggests, until the present moment, a division between those who are aligned with the political thought of the left and those who are aligned with the political thought of the right. In this context, social networks emerged as a place where discussions, exhibitions and affiliations, which happened before face to face, started to flow more frequently. From then on, reading / listening to terms such as *coxinha*, *esquerdopata*, *petralha*, being used as a nickname to identify subjects who are linked to positions that represent this political positioning of the right and left, were, at the time, somewhat commonplace, today, continue from new configurations like *gado*, *bolsominion*. This movement of differentiation between leftists and right-wingers in Brazil, although not new, has shown much more than political choices. Based on the concept of the French Discourse Analysis of Foucaultian hue, and by authors such as COURTINE (2014), PIOVEZANI (2009), among others, we analyzed posts made during the 2018 election period, in a closed Facebook group entitled Direita x Left. Thus, it is concluded that the effects of the speeches produced by the subjects that define themselves as Right or Left reveal a lot about the subject himself. In this way, much more than just a political position, the subject external its subjectivities under construction; and in this construction, he reveals his affiliations, his denials, assertions and contradictions.

Keywords: Discourse; Right; Left; subjectivities

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Comunidade virtual no Facebook	45
FIGURA 2: Página inicial do site blogger.com, mantido pela empresa Google	52
FIGURA 3: Página de acesso da rede social <i>Sixdegrees</i>	54
FIGURA 4: Exemplo de comunidade no Orkut	57
FIGURA 5: Página inicial do Facebook	64
FIGURA 6: Processo de compartilhamento de conteúdo	67
FIGURA 7: Página de humor no Facebook	68
FIGURA 8: Página de humor no Facebook	69
FIGURA 9: Post 1	75
FIGURA 10: O Socialista, Robert Koehler	76
FIGURA 11: Presidenta Dilma Rousseff em encontro com líderes internacionais em 2014	77
FIGURA 12: Post 2	79
FIGURA 13: Folheto anticomunista produzido pela USIA (United States Information Agency)	80
FIGURA 14: Post 3	83
FIGURA 15: Post 4	84
FIGURA 16: Papa Francisco recebe presente de Evo Morales	87
FIGURA 17: Imagem sobre a esquerda antiga e a atual	88

LISTA DE ABREVIATURAS

AD

Análise do Discurso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONCEITOS DE POLÍTICA	17
1.2 Breve história das ideias políticas	19
1.3 Direita e Esquerda: o nascimento de uma divisão	23
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE	28
2.1 Enunciado, Discurso e Sujeito na Análise do Discurso foucaultiana ...	33
2.2 O discurso político para a Análise do discurso.....	37
2.3 Identidades.....	41
2.4 Subjetividade/subjetivação em Michel Foucault	47
3 REDES SOCIAIS.	51
3.1 Redes sociais como espaço heterotópico	58
3.2 O surgimento do Facebook.....	62
4 DE DIREITA OU DE ESQUERDA: CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO FACEBOOK	72
4.1 Escavando enunciados: metodologia e contexto nacional	72
4.2 Subjetividades que emergem	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	91
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

As formas de pensar, de ver e de se posicionar no mundo vêm passando por inúmeras transformações espistêmico-estruturais em função de um movimento muito maior que tem ganhado força desde meados do século XX, o processo de globalização. Discursos como tornar o mundo uma única “aldeia”, atravessar fronteiras, quebrar barreiras como espaço-tempo, se aliaram ao avanço da área das tecnologias da informação e ganharam proporções inimagináveis. Este cenário foi crucial para que a linguagem ganhasse novos espaços e configurasse novos contextos para as formações discursivas dos sujeitos. Percebe-se com este movimento, que grandes discussões ideológicas que eram realizadas em palanques, em arenas, em estádios, deslocaram-se para o cyberspaço e trouxeram características diversas dos modelos de outrora. Este deslocamento, além de tempo-espacial, é também um movimento que envolve processos de subjetivação, pois uma vez que se pode circular “livremente” pelo espaço e pelo tempo, a possibilidade de transitar por várias subjetividades foi um dos maiores atrativos.

Apesar de ser um processo que envolve vários aspectos que dizem respeito a uma dimensão maior, é interessante destacarmos o aspecto político como sendo de grande relevância nas novas configurações mundiais, pois tem fomentado, desde sempre, grandes guerras pelo poder. No Brasil, isto se reflete de maneira muito clara, quando recentemente a esquerda assumiu a presidência da república, com o ex-presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), e se intensificou na sua sucessão, quando Dilma Rousseff, da mesma filiação partidária, além de ter vencido as eleições em 2010, conseguiu se reeleger em 2014. Ainda que os conflitos entre esquerda e direita já existissem com bastante força, eles se intensificaram numa proporção muito maior quando houve o movimento que levou ao golpe que culminou no *Impeachment* da então presidenta.

Nesse processo, os movimentos políticos engendrados intensificaram aos gestos de identificação dos sujeitos que estivessem ligados a posições políticas de direita ou de esquerda. Esse processo se tornou corriqueiro, principalmente nas redes sociais. Esse movimento de diferenciação entre esquerdistas e direitista no Brasil, embora não fosse novo, possibilitou mostrar

muito além das escolhas políticas. A produção dos discursos nessa arena de embates políticos nos permitiu entrever questões que possibilitam um estudo profundo, por meio da Análise do Discurso.

Assim, os efeitos dos discursos produzidos pelos sujeitos que mobilizam enunciados para identificar alguém de direita ou de esquerda, revelam muito sobre o próprio sujeito. É por meio desses discursos que o sujeito se inscreve em um contexto histórico e entra no processo de subjetivação, assim definida por Foucault como “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (2006, p.236). Muito mais do que somente uma posição política, o sujeito mostra esse processo em construção; e nessa construção, ele deixa entrever suas filiações, suas posições políticas, suas negações, afirmações e contradições.

Nessa perspectiva, os conceitos e embasamentos utilizados neste trabalho seguem, em quase sua totalidade, os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa de matiz foucaultiana.

Diante dessas considerações, a pesquisa busca analisar a construção da subjetividade dos sujeitos que se posicionam como de Direita ou de Esquerda no ciberespaço, na rede social Facebook, articulando conceitos da Análise do Discurso como sujeito, memória discursiva e formação discursiva, a fim de compreender o processo de construção da subjetividade desses sujeitos ao entrarem no campo político da discussão sobre direita e esquerda no Brasil, em uma rede social.

As perguntas que nos propomos a responder é, pois: como se dá esse processo de subjetivação e que subjetividades emergem a partir dos sujeitos que se denominam de esquerda ou de direita na rede social Facebook?. Para tanto, analisa-se esses processos por meio dos discursos políticos de direita e de esquerda no cyberspaço, na rede social conhecida como Facebook, por meio de postagens feitas em um grupo fechado

Para alcançar os objetivos propostos é necessário adotar uma postura metodológica que permita a pavimentação do caminho a ser percorrido no decorrer do trabalho. Em vistas disso, a pesquisa será de cunho qualitativo, porém, atrelada ao método arqueológico. Entendendo que a pesquisa qualitativa é um método que trabalha de forma que

um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 56).

Nesse aspecto, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão com maior amplitude dos fenômenos ligados ao campo das ciências humanas e sociais, usando de meios variados, dependendo da abordagem do pesquisador. Na metodologia qualitativa, não há um único meio de pesquisa, um padrão a ser seguido, a forma varia de acordo com a relação sujeito – objeto.

A pesquisa qualitativa, no Brasil, tem como principal característica a sua transdisciplinaridade, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas de algumas correntes filosóficas como positivismo, fenomenologia, marxismo, dentre outras, Segundo Chizzotti (2014). Ainda de acordo com este autor, diversas orientações de natureza filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisas sob o manto do qualitativo, possibilitando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevistas, testemunho, análise do discurso, estudos de caso e que qualificam a pesquisa como pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria engendrada (grounded theory), estudos culturais etc

Assim, dentro dessa abordagem, o método arqueogenealógico possibilita um maior entendimento do objeto de estudo, uma vez que possibilita uma análise e descrição dos discursos e os mecanismos que possibilitam seus surgimentos; o método arqueogenealógico, nas palavras de Gregolin (2004, p. 86), permite “apanhar o sentido do discurso em sua dimensão de acontecimento”. Em outras palavras, permite ao pesquisador analisar as regras de formação de determinados discursos, não de modo estruturalista, mas em um processo que articula descrições formalizadas do enunciado com suas condições sócio-históricas de emergência. (MARQUES, 2016, p. 265).

Deste modo, há a possibilidade de investigar os enunciados na sua relação com o contexto sócio-histórico, de modo a perceber quais as subjetividades emergem a partir das posições sujeitos que se ocupam como de

direita ou de esquerda, ou não se posicionam, mas deixam entrever o posicionamento político.

Para o entendimento dessas relações, o levantamento do *corpus* a ser analisado será feito no grupo do Facebook intitulado Direita x Esquerda, com mais de 25.000 ¹ mil membros. Vale ressaltar que a escolha do grupo se deu pela quantidade de membros, por se tratar do maior grupo com essa temática na rede social, há grande quantidade de materiais postados, permitindo, assim, uma variedade maior na escolha das postagens a serem analisadas.

A escolha de uma rede social para tal pesquisa se deu a partir do entendimento que autores como Vanice Sargentini (2015) possuem sobre a mudança na dinâmica do discurso político. Se durante o período em que se inicia a história da Análise do discurso os textos disponíveis para análise estavam concentrados em materiais impressos, o surgimento da internet, e as novas formas de relação nesse espaço, possibilitam a criação de um grande arquivo público. Nesse sentido, Sargentini afirma que

Até 1998, o arquivo do discurso político era menos diversificado. Contava-se com livretos contendo programas de governo e panfletos nos quais havia a predominância de textos escritos em relação aos imagéticos, sendo, em geral, publicados e distribuídos pelos comitês dos candidatos, portanto de forma reduzida. (...) Na última década esse quadro se modificou. Diante desse grande arquivo que é a internet, é possível não só rever a qualquer tempo os programas do HGPE (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral); mas também conversar com o candidato e ter acesso aos diálogos entre os candidatos e seus eleitores, por meio das várias redes sociais como Twitter, Facebook, MySpace, Badoo e muitas outras que possivelmente surgirão nos próximos dias. (SARGENTINI, 2015, p. 2).

Essa nova configuração fez com que os debates políticos² entre os eleitores tomassem conta de um novo espaço, mais dinâmico, interativo e que permite as mais diversas formas de expressão. Se antes a personalidade era uma marca importante nas discussões sobre temas políticos, uma vez que era possível associar o dito a quem disse, a dinâmica das redes sociais permite essa supressão, é importante quem disse, mas já não se tem certeza de quem o disse.

¹ Última atualização em 20/04/2021.

² Cabe ressaltar que entendemos aqui a possibilidade de debate político para além de candidatos de uma eleição. É possível que eleitores ou interessados em política discutam, debatam o tema.

A quebra das distâncias geográficas trazida pela internet permite que uma discussão, antes limitada a indivíduos ocupantes do mesmo espaço, possa ser travada a partir de diversos lugares. Na rede social Facebook a dinâmica de grupos, abertos ou fechados, sobre determinado tema é um exemplo de que participantes do mundo todo podem interagir sobre determinada temática. É nesse aspecto que mora a diversidade, sujeitos de diferentes contextos interagindo em torno de um mesmo tema.

A enorme quantidade de material produzido por essa dinâmica da rede social fez com que fosse necessário escolher um período dentro desse grupo para a coleta do *corpus*. Entendendo a importância do contexto histórico na produção dos discursos, uma vez que “a história é o que transforma *documentos* em *monumentos*” (FOUCAULT, 2016, p. 8), optamos pelo início oficial das propagandas eleitorais das eleições presidenciais de 2018.

Assim, buscamos analisar no período que vai de 31/08 a 07/10 de 2018³ postagens do grupo já mencionado e, por meio de *prints*, discutirmos os elementos já citados. Cabe ressaltar que não há a intenção de eleger uma posição política como melhor ou pior, embora sejamos cientes de que é impossível separar o sujeito que pesquisa de suas posições ideológicas, uma vez que não há sujeito que não seja ideologicamente constituído.

Portanto, busca-se aqui uma tentativa de imparcialidade, na medida máxima do possível, para que o objetivo de elaborar um trabalho com teor acadêmico seja alcançado sem que haja uma interferência tendenciosa por parte de quem escreve conduz esta pesquisa.

O trabalho se divide nas seguintes sessões: primeiramente, trazemos alguns conceitos do que é política, em seguida, como a política apareceu ao longo da História, seguido da análise relativa ao conceito de direita e esquerda. Dando continuidade, discute-se alguns pressupostos teóricos que servirão de base para as análises, passeamos pelo histórico das redes sociais, identificando-as, em tópico posterior, como um espaço heterotópico, para, então, analisar alguns mecanismos disponíveis na rede social *Facebook*, passamos para a análise do *corpus* selecionado e terçemos algumas considerações finais.

³ Período que compreende o início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão e o segundo turno das eleições, de acordo com o calendário oficial das eleições divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Assim, relacionando os discursos políticos que circulam nas redes sociais, mais especificamente em grupos formados nessa rede, com as subjetividades que emergem a partir das relações no campo discursivo, almejamos contribuir para os estudos no campo da Análise do discurso no Brasil.

1 CONCEITOS DE POLÍTICA

A pesquisa que aqui propomos tem como questão principal discutir como e quais são as subjetividades que emergem a partir dos discursos políticos de direita e de esquerda, em meio a uma série de eventos nacionais. Para tanto, faz-se necessário esclarecer o que entendemos por política. Assim, começemos pelo conceito.

Uma breve pesquisa sobre o conceito de política nos dicionários mais conhecidos traz diversas acepções sobre a palavra, em sua maioria ligadas ao governo e à organização dos estados. Nesse sentido, a política seria a ciência do governo dos povos ⁴, ou ainda, arte ou ciência de governar⁵, entre outros significados que ligam a política à forma de organização de um território ou a um conjunto de ideias e princípios.

No entanto, a palavra política possui um sentido ainda mais profundo. Ela evoca a ideia de criação do que conhecemos hoje como civilização. É a partir da ideia de política que se tornou possível a convivência de diferentes pessoas no que chamamos hoje de sociedade. A filósofa Hanna Arendt discute o conceito de política a partir da ideia de pluralidade, para ela, a política nasce das diferenças, da necessidade de convivências entre os diferentes. Assim, Arendt afirma que

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado, aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e umas contra as outras. (ARENDR, 1998, p. 2).

Além disso, Hanna Arendt aprofunda o conceito de política defendendo a ideia de que o homem é um ser apolítico, não havendo substância anterior que o preceda, ou seja, a política nasce entre os homens, surge da necessidade de convivência para além do núcleo familiar. É essa convivência que necessita de um balizador, assim, de acordo com Arendt (1998, p. 3) “A política organiza, de

⁴ Dicionário online de língua portuguesa.

⁵ <http://michaelis.uol.com.br>

antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade relativa e em contrapartida às diferenças relativas”.

Dentre os demais conceitos de política encontramos em Norberto Bobbio, na obra intitulada *Dicionário de política*, uma discussão ainda mais aprofundada sobre o significado do termo. De acordo com Bobbio (2007), o termo política vem do grego *pólis* (*politikós*), e está relacionado a tudo que é da cidade, urbano, ao que pertence ao espaço público, e tal uso do termo se deve a obra *Política* de Aristóteles. É nessa obra que encontramos a primeira grande discussão sobre as formas de governo, e a organização e função do Estado.

Ainda que mantenha semelhanças com o uso original do termo, na acepção moderna, tem-se usado cada vez mais como o intuito de indiciar determinadas atividades ligadas ao Estado. A política passa a exercer assim duas funções, age como sujeito, quando se refere ao poder político de estabelecer ordem, determinar regras de uso geral, ao legislar, e de outro modo, age como objeto, quando passa a ser referida no espaço da conquista, da derrubada de poder estatal, das afirmações de políticas públicas.

Nesse mesmo raciocínio é impossível dissociar política de poder. É essa relação que permite a obtenção de vantagens, ou os efeitos desejados, como afirma Bobbio. O poder na política se apresenta como meio de exercer um poder sobre outro homem, e pode se expressar de diversas maneiras, como exemplifica Bobbio (2007), na relação entre governantes e governados, entre soberano e súditos, entre Estado e cidadãos, entre autoridade e obediência. Não cabe aqui a discussão sobre as formas boas e más de exercício do poder, embora Aristóteles, Platão e muitos outros escritores que os sucederam tenham se debruçado sobre a questão.

Se entendermos que para uma melhor definição do que é política precisamos buscar o fim ao qual ela se destina, encontraremos ainda mais possibilidades conceituais acerca do termo. A finalidade da política varia de acordo com o contexto e a sociedade, ela vai ser definida a partir do grupo que está no poder e o que se busca alcançar em determinada situação, ou seja, não um único fim ao qual a política se destina. Sobre a questão Bobbio afirma que

os fins que se pretende alcançar pela ação dos políticos são aqueles que, em cada situação, são considerados prioritários para o grupo (ou para a classe nele dominante): em épocas de lutas sociais e civis, por

exemplo, será a unidade do Estado, a concórdia, a paz, a ordem pública, etc; em tempos de paz interna e externa, será o bem-estar, a prosperidade ou a potência; em tempos de opressão por parte de um Governo despótico, será a conquista dos direitos civis e políticos; em tempos de dependência de uma potência estrangeira, a independência nacional. (BOBBIO, 2007, p. 967).

Embora não haja um fim único para a política, há o que alguns autores consideram como fim basilar, a condição necessária para a política, que seria a busca pela ordem. A ordem como meio para o alcance dos demais fins, ainda que a intenção seja o fim de uma ordem para o início de outra, a ordem é o elemento necessário para que o poder possa ser exercido.

De outro modo, podemos ainda trazer à baila a definição de política dada por Carl Schmitt, que a define como uma relação “amigo-inimigo”. Em suma, a função da política seria de manter um certo antagonismo, buscando agregar e proteger os amigos e desarticular e enfrentar os inimigos. Carl Schmitt faz essa associação aproximando a noção de política a outros campos que também possuem relações antagônicas, como é o caso da arte, onde existe a oposição belo/feio, a moral, onde existe o bom/mal.

Diante de inúmeras definições, buscamos trabalhar aqui com a política relacionada ao poder. A política como construto de estruturas de poder, onde há tensões, alternâncias, embates e os sujeitos participantes desse contexto constroem identidades, seja pela participação efetiva, seja pela omissão.

Como dito inicialmente, trabalhamos aqui com o conceito de político, uma vez que adentraremos nesse campo ao analisarmos o *corpus* selecionado, e dado o período escolhido para a análise. Mas, cabe ainda ressaltar que a noção de discurso e discurso político, mais precisamente, são pontos fortes que embasarão nossa análise e são discutidos mais à frente.

1.1 Breve história das ideias políticas

A história da política nos remonta tradicionalmente à história da Grécia antiga e toda a organização da cidade de Atenas que permitiu que esta se tornasse o modelo de civilização politicamente organizada. A inspiração grega

atravessou séculos e é tida como inspiração na organização das sociedades modernas.

No entanto, precisamos mergulhar um pouco mais para entendermos como as ideias políticas na Grécia estavam organizadas e de que modo essas ideias evoluíram e ajudaram a chegarmos até o modo de organização da sociedade atual.

A notoriedade da importância da Grécia para o desenvolvimento do conceito de política por vezes apaga o sentido de *apolítico* que a civilização grega traz. Eric Voegelin (2012) em sua vasta obra sobre as ideias políticas afirma que é necessário lidar no pensamento grego com o problema do apolitismo sob dois prismas, o *de fato* e o *formal*.

Na perspectiva do apolitismo de fato temos as pessoas que não querem ou não tem a chance de participar do político. E esse aspecto apolítico está presente em todos os estratos da *pólis*, desde a mais alta casta, até os considerados como não cidadãos.

Já na perspectiva formal temos os que não participam da política, não porque não querem ou não sentem vontade, mas porque não são considerados cidadãos. A essa classe pertencem os escravos, comerciantes, artesãos, mulheres e estrangeiros. Sobre as duas vertentes, Voegelin reconhece que

O primeiro desses problemas é relevante em todas as épocas, em nossa civilização ocidental, moderna ou na antiguidade. O segundo problema dá origem ao grande movimento que termina como o reconhecimento do valor da personalidade humana; assim, como consequência de tal reconhecimento, todos os membros da população gozarão de *status* dentro da comunidade política, ainda que esse *status* seja muito baixo. (VOEGELIN, 2012, p.101-102).

No entanto, é por meio das revoluções (como sempre foi ao longo da história) que esse status de apolitismo formal começa a mudar. Voegelin (2012) distingue os movimentos politicamente motivados e apoliticamente motivados. Os primeiros seriam os movimentos engendrados pela parcela da população não governante que tende a romper com a ordem. De acordo com Voegelin (2012, p. 102) “o ataque às ideias dominantes tem o propósito de redistribuir o poder e de conquistar uma posição de comando para um novo grupo com novas ideias de governo.”.

Em outra via, os movimentos apoliticamente motivados seriam os que nascem daqueles que possuem o desejo de modificar a vida diária, tendo como espelho o padrão da classe que está no poder, a intenção não é assumir o poder, ou mesmo mudá-lo, como explica Voegelin (2012).

Tais movimentos estão presentes ao longo da história e fazem parte dos movimentos de formação da sociedade atual. A partir deles, regimes foram modificados, se pensarmos na Revolução Francesa, direitos foram conquistados, se pensarmos no voto feminino.

A partir de tais movimentos, e após a chegada de Alexandre “O Grande” ao poder, e a consequente perda de protagonismo da Grécia, passamos a um outro momento. É com Alexandre que a humanidade conhece efetivamente o político ligado ao poder militar. De acordo com Voegelin (2012, p. 122) “Alexandre não tinha um sistema coerente de ideias políticas, não sabemos que configuração ele teria dado ao seu império.”.

Mesmo que não houvesse um sistema político bem elaborado, foi por meio das estratégias militares que os Macedônios conquistaram um vasto território. E em meio a tantos povos, havia a diversificação da figura do grande conquistador, como afirma William Tarn

No Egito, Alexandre era um autocrata e um deus. No Irã, era um autocrata, mas não um deus. Nas cidades gregas, era um deus, mas não um autocrata. Na Macedônia, não era nem autocrata, nem deus. Mas um rei quase constitucional perante o qual o povo desfrutava de alguns direitos consuetudinários. (TARN *apud* VOEGELIN, 2012, p. 432).

É inegável a importância dos romanos e dos gregos para os povos do ocidente. O legado deixado durante a antiguidade ultrapassou o tempo e serviu de base para os alicerces da base política do novo mundo. Mas, é necessário entender como os demais períodos da história contribuíram para a evolução das ideias políticas.

A Idade Média faz surgir uma nova forma de pensar o político. Se na última fase dos romanos, o Império, como figura central na história da humanidade era a figura dos imperadores que exemplifica a centralidade do poder romano, é essa figura que *a posteriori* será o modelo para os governantes da idade média. O aspecto divino atribuído aos imperadores já preconizava a

importância que a religião teria no período seguinte. Sobre isto, Sérgio Ricardo Strefling chama atenção

Por fim, queremos lembrar o aspecto divino do Imperador. Ainda na Roma republicana, houve a influência de elementos de culto dos governantes orientais. A heroificação de personalidades excepcionais era estranha a Roma, mas os romanos receberam honras divinas no Oriente, e, no tempo de César e Otaviano Augusto, a heroificação dos governantes, após as respectivas mortes, foi aceita sem resistência. (STREFLING, 2016, p.15).

O cristianismo sem dúvidas é o elemento principal da idade média. O poder político e a religião passam a representar um elemento só. A igreja centraliza o poder, e toma para si o protagonismo que antes pertencia ao imperador. Os governos passam a estar alinhados com os interesses da igreja. É nesse período que os papas ganham importância e passam a determinar grandes mudanças nos rumos políticos, os éditos são exemplos da interferência da igreja no andamento político do Estado, e se entendermos amplamente, também da História.

A igreja enquanto detentora de grandes quantidades de terras exercia a influência política e espiritual. E não era somente em virtude das terras, uma vez que no período medieval o poder estava ligado à posse de terras, mas também pelo controle dos saberes. As universidades nascem das igrejas, e é nelas que é possível encontrar pensadores como Tomás de Aquino e Santo Agostinho, grandes influenciadores das ideias políticas da época.

É com as ideias de Santo Agostinho que aparece a dualidade entre o reino dos céus e o reino da terra. É a partir dessa dualidade que Agostinho entende que o poder político terreno advém da inspiração divina, por esse motivo deve haver, tal como é a obediência à Deus, uma obediência absoluta entre os governados para com os governantes.

Posteriormente, São Tomás de Aquino traz a ideia do homem naturalmente político. Nessa perspectiva, a sociedade política tem sua origem na natureza, o homem desde sempre foi destinado ao exercício político, por isso a necessidade de um homem ligado a um Estado; Estado esse que não possui o poder de esmagar esse indivíduo, pois, uma vez tendo sido criado à imagem de Deus, ele possui dignidade e direitos.

Além disso, cabe ressaltar que São Tomás de Aquino traz a ideia de um poder que advém do povo. Essa ideia de natureza política do homem está ligada à ideia de um poder que vem de Deus, assim, somente pelo povo é que o poder pode ser transferido ao governo. Sobre o pensamento de São Tomás de Aquino, Strefling traz que

Santo Tomás procura na natureza o modelo ideal do poder régio. Os vários membros do corpo e as várias potências da alma são regidos pela razão, assim, pois, a razão existe no homem na mesma proporção em que Deus está para o universo. O homem é um animal naturalmente sociável, nele se encontra a semelhança do governo divino, enquanto cada indivíduo se rege a si mesmo por meio da razão, e enquanto pela razão de um só se governa uma multidão. O rei, portanto, será no seu reino como a alma no corpo e como Deus no universo. Para Santo Tomás, o poder real tanto mais justo será, quanto melhor conduzir os súditos para o seu último fim. (STREFLING, 2016, p.69).

É com a crise das estruturas políticas da idade média que vemos surgir um poder, não mais fragmentado, agora centralizado nas mãos do Rei no período da história Moderna. É a partir dessa unificação de poder que o Estado deixa de ser fragmentado e passa a ser um só sob o poder do monarca. Nesse período, pensadores como Maquiavel e Hobbes surgem como figuras que elaboram teorias que dão a forma do regime vigente.

No período contemporâneo, vemos crescer a ideia de participação popular, derrubam-se as bastilhas históricas e caminha-se para um novo momento da história política. A ideia de soberania popular está ligada um imaginário que envolve a ideia de democracia. O poder é o elemento principal, vemos nascer superpotências no pós-guerra. Se no período de Alexandre a estratégia militar era o ponto forte, aqui o militar está ligado à capacidade de auto-organização, os poderes estão diluídos em vários sistemas, dentro da própria sociedade, poder passa a ser exercido de maneira microfísica, como preleciona Michel Foucault.

1.2 Direita e Esquerda: o nascimento de uma divisão

A origem dos posicionamentos políticos de direita e de esquerda está historicamente ligada ao processo da Revolução Francesa de 1789, nas palavras de José Adelino Maltez (1999, p. 450), nesse período “a Direita significava a reforma ou o consensualismo, isto é, a conciliação entre a representação popular e o poder real, tal como a moderação cartista da restauração veio a consagrar, já a Esquerda assumia a ruptura, o monismo de uma soberania popular”.

De acordo com Norberto Bobbio, em sua obra intitulada *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*, a distinção entre direita e esquerda há muitos séculos é utilizada “para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas” (BOBBIO, 2011, p. 31).

No entanto, ao longo da História esses mesmos termos ganharam novos significados. Anthony Giddens (1999), sociólogo inglês, afirma que desde o seu surgimento, a distinção entre direita e esquerda tem se tornado difícil; ambígua, ainda que o uso dos termos não tenha cessado com o passar dos anos. Essa dificuldade está ligada às constantes transformações pelas quais a sociedade de um modo geral tem passado. Para Giddens

o conceito de esquerda e direita mudou de significado de acordo com as modas. Um olhar pela evolução do pensamento político mostra que as mesmas ideias foram consideradas como de esquerda em certas épocas e em determinados contextos para, noutras circunstâncias, serem consideradas de direita. Por exemplo, os partidários das filosofias de mercado livre eram considerados esquerdistas no século XIX, mas nos nossos dias são normalmente colocados na direita. (GIDDENS, 1999, p. 41).

O escritor e historiador Rui Tavares chama a atenção também para a dinâmica da palavra direita e esquerda. Em seu livro *Esquerda e Direita: guia histórico para o século XXI* o autor faz analogia ao fato de que direita e esquerda representariam dobradiças de um mesmo ponto, “Esquerda e direita são cardeais nesse sentido: organizando-se em torno daquilo que “dobra”, que é mutável e transformador em uma sociedade, e assim determina e organiza antagonismos, lutas e rivalidades.” (TAVARES, 2016, p. 23).

Embora possua a Revolução francesa como marcador histórico do seu nascimento, os fatores que permitiram esse surgimento (podemos pensar em como era a organização das posições políticas e que fatores possibilitaram o surgimento dessas duas posições) pode ser percebida em várias dispersões ao longo da história francesa, inclusive no entendimento que alguns grupos possuíam de determinados termos, como assevera Rui Tavares (2016, p. 29)

Os primeiros eram à esquerda, os segundos, a direita. Embora todos falassem francês e usassem muitas vezes as mesmas palavras, atribuíam a estas um significado completamente diverso. Até a palavra “revolução” estava em revolução e tinha sentido duplo. Para o primeiro grupo, ela começava a ganhar o sentido que hoje lhe damos, de um corte definitivo com o passado; para o segundo, mantinha a sua acepção pré-moderna na qual uma “revolução” era (como nos planetas) o movimento de dar uma reviravolta para voltar ao normal. Se estes faziam ainda a revolução para regressar à ordem (e viriam a ser conhecidos por reacionários), aqueles faziam-na para não voltarem atrás (e ficariam com o monopólio do termo revolucionários).

A dinâmica no nascimento das posições de direita e esquerda não guarda apenas relação com as ideias defendidas por cada grupo no período da Revolução Francesa. É antes de tudo, um marcador no desenvolvimento da política universal. As divisões mundo afora já foram as mais diversas, em muitos casos a partir de posições religiosas, como no caso da Revolução Gloriosa, na Inglaterra, ou familiares, por interesse na disputa pelo trono, no caso da Guerra dos Cem anos. Nesses casos, não era necessariamente as ideias políticas que estavam em jogo, mas questões de ordem diversas.

É a partir da Revolução francesa que as ideias políticas divergentes passam a necessitar de denominações, é aí que nasce a necessidade de demarcar posições distintas, pensamentos antagônicos, projetos políticos divergentes. Nesse cenário, de acordo com Tavares

Apesar de algumas tentativas de aproveitar os sentidos anteriores das palavras “esquerda” e “direita” para ajudar a definir as etiquetas atuais (a direita como aquilo que é direito ou rígido, a esquerda como o que é canhestro ou diferente), é precisamente o facto de elas terem sido, *a priori*, vazias de conteúdo que as tornou flexíveis, capazes de agregar sentidos e de se adaptarem a diferentes disputas e controvérsias. (TAVARES, 2016, p. 35).

É possível perceber que a dinâmica que envolve os dois termos carrega relação com o momento histórico, fazendo com que o contexto sócio-histórico-cultural determine o que significam Direita e Esquerda em dado momento. Porém, tal definição não é estável, nem está restrita a questões ideológicas de dois grupos bem definidos.

A redução do pensamento de direita e de esquerda a somente expressões ideológicas, acarreta a simplificação de termos que possuem uma amplitude muito maior. É preciso entender que tais posicionamentos permitem que surjam diversas identidades. Não se trata apenas de ideias políticas, identificar-se como de direita ou de esquerda cria novas relações entre os sujeitos das posições ocupadas. Bobbio afirma que

“Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversas problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, as também de interesses e de valorações (*valutazioni*) a respeito da direção seguida pela sociedade. (BOBBIO, 2011, p.33).

Noberto Bobbio questiona a persistência de tal divisão. O autor questiona se ainda haveria, de fato, dois séculos após a Revolução francesa, como diferenciar os dois termos. Ele cita Jean-Paul Sartre ao dizer que a divisão entre Direita e Esquerda representaria, no mundo contemporâneo, duas caixas vazias.

Em meio a inúmeros acontecimentos políticos, essa divisão entre direita e esquerda se tornou um fenômeno perceptível. Nas redes sociais os comentários e postagens deram o tom dessa divisão, não era necessário se autodefinir de direita ou de esquerda, bastava se posicionar sobre determinado assunto para que o rótulo de *petralha* ou *coxinha* aparecesse. O nascimento na atualidade de termos como *esquerdopata*, por exemplo, revela uma nova concepção de esquerda, visto que o sufixo -pata, se origina do grego *-patia* que designa a ideia de doença - como podemos observar nos termos sociopata, psicopata, etc.

No Brasil, alguns acontecimentos acirraram essa divisão. Acontecimentos esses que vão desde os movimentos de contestação popular que levaram milhares de pessoas às ruas por todo o país, passando pelo golpe político que levou ao *impeachment* da, então presidenta, Dilma Rousseff, até o cenário

político das eleições de 2018. Esse cenário será descrito no último capítulo deste trabalho, por ora, no capítulo seguinte, apresentamos os pressupostos teóricos que balizam esta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE

A Análise do Discurso (AD) nasce no final dos anos de 1960 e por volta dos anos de 1970 ganha estabilidade já na dimensão da análise de discursos políticos na França. A AD nasce de maneira interdisciplinar, ela se constitui a partir de três grandes áreas: a linguística, o marxismo e a psicanálise. A linguagem passa a ser apreciada fora da centralidade da língua como um sistema neutro (aquele da dicotomia de Saussure), mas agora em uma instância onde ela é entendida, nas palavras de Eni Orlandi (2007, p.19) “não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento”.

O período em que a AD nasce é de grande movimentação política. Na França, o final da década de 60 é marcado por inúmeras manifestações de inconformidade com o sistema educacional então vigente. A mistura de reivindicação política se juntou aos problemas econômicos, unindo estudantes e trabalhadores franceses, o que gerou uma série de greves e aumentou a tensão nesse período. Inúmeros intelectuais como Lacan, Barthes, Althusser, Kristeva, Lévi-Strauss e De Certeau fizeram parte desse movimento de contestação.

A crise não estava restrita ao âmbito político e econômico. Havia nesse período grandes debates sobre questões teórico-metodológicas que circulavam na Europa nesse período. É nesse momento que o estruturalismo perde espaço e há uma guinada nos estudos linguísticos. Nas palavras de Renan Belmonte Mazzola, até então

privilegiava-se, no estudo de uma língua, a langue saussuriana, isto é, o sistema, abstrato, coletivo, do qual se podia extrair um produto lógico de descrição. A superação de tais paradigmas exigiu que os estudos linguísticos comesçassem a pensar em um diálogo com a parole, trazendo à cena o sujeito e os elementos sócio-históricos (isto é, as exclusões saussurianas): não se pretendia pensá-los separadamente, mas em sua inter-relação. (MAZZOLA, 2009, p. 8).

A dois estudiosos é creditada a fundação da AD. De acordo com Denise Maldidier (2016) Jean Dubois e Michel Pêcheux seriam os responsáveis por dar início à disciplina Análise do Discurso. A autora pontua que os dois textos considerados como marcantes para esse início são o discurso de encerramento pronunciado por Jean Dubois no Colóquio de Lexicologia Política de Saint-Cloud,

em abril de 1968 e o lançamento de Análise automática do discurso por Michel Pêcheux em 1969.

Embora Jean Dubois e Michel Pêcheux fossem diferentes em termos de campo de estudo, havia algo que os aproximava de maneira decisiva naquele período. Jean Dubois já era um linguista conhecido, seus estudos em lexicologia possuíam destaque na França. Michel Pêcheux, por sua vez, era filósofo e concentrava seu interesse em torno de estudos sobre o marxismo, a psicanálise e a epistemologia. No entanto, é no campo político que ambos se encontram. De acordo com Maldidier (2016, p. 213)

O terreno, as situações, as preocupações os distinguem. No entanto, J. Dubois e M. Pêcheux são tomados em um espaço comum: o do marxismo e o da política. Na contracorrente das ideias dominantes, eles partilham as mesmas evidências sobre a luta de classes, sobre a história, sobre o movimento social.

É preciso ressaltar que Jean Dubois e Michel Pêcheux possuíam posturas diferentes em relação à teoria. Maldidier (2016) afirma que para Dubois, o nascimento da AD é pensado como uma continuidade, a passagem da lexicologia à AD é algo natural, faz parte do progresso permitido pela linguística. Na visão de Pêcheux, por outro lado, a AD é pensada como forma de romper de maneira epistemológica com a ideologia que dominava as Ciências Humanas.

É esse pensamento de Pêcheux que traz a necessidade de bases transdisciplinares para a formação da AD como pensada por ele. Para tanto, a AD busca na confluência entre três grandes áreas elementos para formular sua proposta: a história, a psicanálise e a linguística. Nas palavras de Soares (2017, p. 19), a AD recorre a

uma teoria da história, mais especificamente do materialismo histórico, centrada nas releituras que Althusser fez das obras de Marx, para explicar as trans(formações) sociais, já que é na/pela história que buscamos observar as condições de produção dos discursos; uma teoria da psicanálise, advinda das releituras que Lacan fez das teorias freudianas, para explicar a noção de sujeito e como este, em sua relação com o simbólico, é afetado pelo inconsciente e pela ideologia; e uma teoria da linguística, partindo das releituras de Saussure, para explicar a linguagem e os processos de enunciação, já que a AD, tal como pensada por Pêcheux, trabalha essencialmente com elementos linguísticos.

Assim, a AD, que nas palavras de Maria do Rosário Gregolin (2003, p.25) “toma por objeto o discurso no qual confluem a língua, o sujeito e a história”, busca entender como os sentidos são produzidos em uma sociedade, considerando que o sentido ou seus efeitos são históricos e sociais (Marx), realizados por sujeitos (Freud) e materializados por meio da linguagem (Saussure) (MAZZOLA, 2009, p. 8).

Mazzola (2009) afirma ainda que a AD passa por três épocas ao longo do tempo e três autores são essenciais durante esses momentos: Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. A discussões e os diálogos travados entre eles possibilitou o desenvolvimento dos estudos nesse campo.

A chamada primeira época da Análise do Discurso ocorre entre os anos de 1969 e 1975, e tem seu início marcado pelo lançamento da obra *Análise automática do discurso* de Michel Pêcheux. A relação entre Pêcheux e Louis Althusser estava concentrada na análise de textos políticos, considerando fortemente o conceito de ideologia de Althusser⁶. Nesse período figura uma análise que seguia um método estruturado, a exemplo, na já mencionada obra de Pêcheux, o destaque se volta para os cálculos matemáticos e algoritmos que descrevem o dispositivo de análise automatizada do processo discursivo, que eram realizados por meio de recursos da informática para que fossem processadas uma grande quantidade de *corpora* (MAZZOLA, 2009).

O trabalho do analista, nesse processo, era relacionar a ideologia com os sujeitos e com o histórico-social na análise dos dados obtidos após o processo de automatização que se realizava por meio de recursos informáticos para o processamento de grandes quantidades de *corpora* (MAZZOLA, 2009). A posição teórica dessa primeira época da AD é de que

um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes". - Uma língua natural (no sentido linguístico da expressão) constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos. (PÊCHEUX, 1997b, p. 311).

⁶ Para Louis Althusser, a partir das leituras de Karl Marx, a ideologia seria a relação imaginária, transformada em práticas, reproduzindo as relações de produção vigentes. Na realização ideológica, a interpelação, o reconhecimento, a sujeição e os Aparelhos Ideológicos de Estado, são quatro categorias básicas.

Em resumo, a AD da primeira época é constituída por procedimentos em etapas, obedecendo a uma ordem fixa que está restrita em termos teóricos e metodológicos a um começo e um fim já determinados e que operam em um lugar em que as “máquinas” discursivas formam unidas justapostas (PÊCHEUX, 1997b). Cabe ressaltar que nesse primeiro momento o *outro* tem sua existência ligada à existência do *mesmo*, uma vez que a identidade do *outro* está ligada a um mesmo processo discursivo.

A segunda época da AD é datada entre o período de 1975 e 1980. É o momento em que os trabalhos que nasceram a partir da obra *Análise Automático do discurso*, de Pêcheux, começam a levantar dúvidas e questões a cerca desse novo campo teórico, fazendo surgir a necessidade de reformulação em alguns aspectos da teoria da Análise do discurso.

Em artigo lançado por Michel Pêcheux juntamente com Catherine Fuchs, intitulado *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, os autores engendram esforços no intuito de “eliminar certas ambiguidades, retificar certos erros, constatar certas dificuldades não-resolvidas e, ao mesmo tempo, indicar as bases para uma nova formulação da questão” (FUCHS e PÊCHEUX, 1997b, p. 163), e já no início, oferecem um quadro epistemológico onde apresentam a articulação da AD com três outros campos, a saber

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (FUCHS; PÊCHEUX, 1997c, p. 163).

Dentre as contribuições mais relevantes desse período para os estudos da AD, pode-se citar a noção de *Formação Discursiva*. Seguindo os estudos de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, Pêcheux traz a ideia de que a formação ideológica é “um conjunto complexo de atitudes e representações que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de

classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997c, p. 166), e as Formações Discursivas seriam os componentes que “determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes.” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997c, p. 167).

No mesmo texto, Pêcheux e Fuchs afirmam que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos por meio das formações ideológicas. Assim, reiteram que essas formações ideológicas desempenham um papel desigual na reprodução e nas transformações das relações de produção em função da sua origem e de suas características de classe. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997c). Para Mazzola (2009), as duas principais incorporações desse período são: o conceito de aparelhos ideológicos de estado, de Louis Althusser e a releitura da noção de Formação Discursiva, de Michel Foucault, no interior das lutas de classe.

A terceira época da AD não possui um consenso sobre seu início e muitos acreditam que essa terceira época dure até hoje. Ela estaria inserida, de acordo com Jean- Jacques Courtine em um período que vai de 1980 até a morte de Michel Pêcheux, em 1983. De acordo com Mazzola,

Nesse momento, já estão incorporados à teoria discursiva elementos derivados dos trabalhos de M. Foucault e de M. Bakhtin (sobre a heterogeneidade dos discursos), cuja penetração se deu através de J. Authier-Revuz. É um momento marcado pelo encontro desses outros teóricos e por uma desconstrução de alguns “dogmas” defendidos até então. Nota-se também a desconstrução total da maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva. (MAZZOLA, 2009, p. 14).

Nesse período começam a ser trabalhados fortemente na AD os conceitos de *interdiscursividade* e *memória*, como afirma Gregolin (2006). Além disso, surgem nos trabalhos de Michel Pêcheux a possibilidade de análise de outras materialidades da linguagem como as falas do cotidiano e as imagens.

Após esse passeio pelas (re)formulações que viriam a constituir a AD francesa, no tópico seguinte, passa-se à análise de alguns conceitos que são utilizados na análise do *corpus* da pesquisa, a partir de alguns autores que servem como guias teórico-metodológicos, dentre eles, tem-se destaque os conceitos articulados por Michel Foucault.

2.1 Enunciado, Discurso e Sujeito na Análise do Discurso foucaultiana

A obra *A arqueologia do saber*, lançada em 1969, é considerada a obra que fundamenta o método *arqueológico* de Michel Foucault. É nessa obra que o autor explicita o método de suas pesquisas e constrói conceitos e concepções necessárias a esse campo de estudo. A palavra arqueologia já havia sido utilizada por Foucault anteriormente em sua obra *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, em 1966, porém, ganha destaque enquanto método em sua obra de 1969. É esse o rumo de suas pesquisas, pelo menos até o início da década de 70, onde dará espaço ao conceito de *genealogia*. Cabe aqui uma breve explicação do que Foucault entende por *arqueologia*, uma vez que tal método serve de caminho para as análises dessa pesquisa.

A *arqueologia* na concepção foucaultiana deve ser entendida para além de uma “história”, como afirma Judith Revel (2011), uma vez que Foucault opera no campo de diferentes dimensões, como o filosófico, político, econômico etc. Assim, a *arqueologia* possibilita a análise das condições históricas de possibilidades do saber, ou seja, ela tem o objetivo de “desnudar” as condições que permitem que os discursos emergjam em uma determinada época. De acordo com Revel,

No interior de “arqueologia”, encontra-se tanto a ideia da *arca*, isto é, da concepção, do princípio, da emergência dos objetos de conhecimento, quanto a ideia do arquivo – o registro desses objetos. Todavia, do mesmo modo como o arquivo não é o rastro perdido do passado, a arqueologia visa, na verdade, ao presente. (REVEL, 2011, p. 11).

Inscrita no presente, a *arqueologia* não busca o momento em que algo foi dito pela primeira vez, ela foca na regularidade dos enunciados, trabalha na análise das contradições com o objetivo de mostrar como a história permitiu que determinados discursos surgissem (CASTRO, 2016). A *arqueologia* analisa, ainda, como acontecem as rupturas, como ocorrem as transformações de determinadas formações discursivas. Em síntese, a *arqueologia* analisa as

condições históricas de possibilidades que permitem que em dado momento somente determinados enunciados sejam possíveis e em lugar de outros.

A fase da *genealogia* em Foucault não é inaugurada em uma obra como ocorre com a *arqueologia*, no entanto, ela pode ser considerada como o conjunto das obras que se dedicaram a analisar as formas de exercício do poder, como acontece em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975). Essa fase não pode, e nem deve, ser entendida como uma ruptura, é sim, uma ampliação do campo de investigação, onde Foucault passa a incluir as práticas não discursivas.

Foucault afirma em *A ordem do discurso* (1971) que a genealogia estuda “a formação, ao mesmo tempo, dispersa, descontínua, e regular” dos discursos. (FOUCAULT, 1995, p. 65). A genealogia busca apanhar o acontecimento⁷ em sua singularidade, não buscando sua origem, mas questionando a possibilidade de seu ressurgimento na atualidade. Ademais, na genealogia, as formas de exercício do poder são investigadas a partir de dispositivos de natureza essencialmente política, ou seja, o saber é analisado dentro das relações de poder e das lutas de classe.

É também em *A ordem do discurso* que Foucault traça as regras metodológicas para o conjunto de análise genealógica. O autor elenca três princípios: o da descontinuidade, o da especificidade e o da exterioridade. O primeiro – o da descontinuidade - trata de entender que o discurso é descontínuo, não devendo supor que haveria por baixo dos discursos pronunciados outro discurso silenciado e que deve ser descoberto; os discursos são descontínuos e podem se cruzar com outros discursos, mas também podem se ignorar ou se excluir.

O princípio da especificidade pede que o discurso seja entendido como uma violência que fazemos às coisas, não havendo providência pré-discursiva, ou seja, não buscar significações prévias no discurso. O terceiro princípio – da exterioridade – trata de entender o discurso a partir de suas condições externas de surgimento. Em suma,

A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí eu entendo não um poder que se oporia ao poder

⁷ Acontecimento entendido em Foucault como “irrupção de uma singularidade histórica”. (REVEL, 2011, p. 62).

de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. (FOUCAULT, 1995, p. 69).

Entendendo o olhar arqueológico e o genealógico como complementares, a presente pesquisa trabalha tanto com elementos da arqueologia como da genealogia. Assim, buscamos pela arqueologia entender como é pensado o ser do homem, e por meio da genealogia como ocorre sua formação a partir das práticas e de suas transformações.

Seguindo com a análise dos conceitos articulados por Foucault, é em a *Arqueologia* que Foucault trabalha as noções de enunciado, discurso e formação discursiva. Na perspectiva foucaultiana o enunciado não representa uma unidade, “mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, como conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 2011, p. 105). Na *arqueologia*, a análise dos enunciados não os remete a um lugar fundador, mas apenas a outros enunciados com o intuito de entender suas relações, exclusões, contradições etc. Assim, Foucault define a existência do enunciado

Existência que faz aparecer algo distinto de um puro traço, mas como um domínio de objetos; não como o resultado de uma ação ou de uma operação individual, mas como um jogo de posições possíveis para um sujeito; não como uma totalidade orgânica, autônoma, fechada em si mesma e suscetível de – sozinha – construir um sentido, mas como um elemento em um campo de coexistência; não como um acontecimento passageiro ou um objeto inerte, mas como uma materialidade repetível. (FOUCAULT, 2011, p. 132).

Jean-Jacques Courtine (2014), debruçado sobre os trabalhos de Foucault, faz uma releitura em que descreve as propriedades que prescindem a função enunciativa. De acordo com o autor, o enunciado, assim, está ligado a um referencial, mantém com o sujeito uma relação determinada, tem seu domínio associado a uma área e apresenta uma existência material, distinta daquela da enunciação. Assim, para a presente pesquisa buscamos entender o enunciado como um acontecimento, que irrompe em determinado período, em determinado lugar e não em outro.

O enunciado é entendido como unidade mínima do discurso. É a partir dessa noção que Foucault conceitua o discurso como “um conjunto de enunciados que se apoiam no mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, discurso econômico, discurso da história, natural, discurso psiquiátrico.” (FOUCAULT, 2011, p. 131), ou como um dos focos da pesquisa aqui apresentada, o discurso político. Ou seja, o discurso é o conjunto limitado de enunciados, para os quais se torna possível determinar as condições de existência. (FOUCAULT, 2011).

De acordo com Judith Revel (2011), o discurso para Foucault é esse conjunto de enunciados que obedecem a regras de funcionamento comum, ainda que emerjam de campos diferentes. A exemplo, temos os múltiplos enunciados sobre direita e esquerda que compõem o discurso político. Esses enunciados, que surgem a partir de um conjunto de condições de existência, possibilitam a formulação do discurso político.

Dentro da noção de discurso, cabe ressaltar a importância do conceito de *memória discursiva*. Pensamos, assim como COURTINE (2014), que esse conceito para uma análise de discurso político se faz necessário. Dessa forma, é necessário entender que “toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – faz circular – formulações anteriores, já enunciadas” (COURTINE, 2014, p. 104).

A memória discursiva seria, para COURTINE, 2014, p. 106), “a existência histórica do enunciado, no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Essa memória discursiva, com relação aos discursos políticos, levanta questões como as que estão no campo da memória social, ela tem relação com o que já foi dito, com o retorno a partir de condições de existência, de modo que se relacionam com os discursos já ditos, os que permanecem ditos e os que ainda estão por serem ditos (FOUCAULT, 1995).

Um conceito nuclear para Foucault é o de sujeito. A noção de sujeito dentro dos estudos foucaultianos ocupa lugar central, uma vez que, como afirma o próprio Foucault “não é [...] o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral das minhas investigações.” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Foucault busca, assim, estudar as maneiras como o ser humano se transforma em sujeito.

Desde o início de seus estudos Foucault busca romper com a tradição da filosofia de entender o sujeito como esse ser plenamente consciente e

autodeterminado. Assim, busca por uma compreensão de um sujeito historicamente determinado a partir de determinações que lhe são exteriores (REVEL, 2011). Partindo do pensamento de Nietzsche, ele defende a morte desse homem uno, detentor da verdade, livre e dono de todo conhecimento.

O sujeito a que se refere Foucault não é de origem psicológica, ele surge a partir de uma rede de discursos relacionados pelo saber-poder. O sujeito, nessa perspectiva é construído no e por meio do discurso. Como descrito por Courtine (2014, p. 87) “o sujeito, na perspectiva foucaultiana, não pode ser reduzido a uma entidade linguística nem a uma subjetividade psicológica qualquer [...] é uma *função vazia*.” Essa função vazia é a posição que pode ser ocupada pelos sujeitos. Para Foucault, o sujeito do enunciado é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2011, p. 115).

Nessa perspectiva, tratar sobre o sujeito é dar multiplicidade a essa noção. É entender que o sujeito não é uma pessoa, um indivíduo tratado em sua unicidade e singularidade, mas sim, uma posição ocupada dentro de inúmeras possibilidades. Para Fischer, o sujeito do discurso foucaultiano é

uma posição que alguém assume, diante de um certo discurso. Ora, essa posição se dispersa em várias cenas enunciativas, que o analista do discurso se encarregará de descrever. O importante é mostrar essa multiplicidade do enunciado, nesse caso, a partir das posições do sujeito. (FISCHER, 2013, p. 134)

Falar de sujeito em Foucault é necessariamente falar em subjetividade e modos de subjetivação, tema que é visto mais à frente, juntamente com a ideia de identidade.

2.2 O discurso político para a Análise do discurso

A presença do político na Análise do discurso está ligada diretamente, entre outras coisas, a importância que Michel Pêcheux dá, já no início de sua elaboração ao conteúdo político. Como afirma Vanice Sargentini (2005, p.2) “As

reflexões iniciais de Pêcheux, assim como os seus escritos posteriores, denunciam que ele foi um filósofo que esteve o tempo todo ao lado da teoria e da política”.

É nas tessituras da história que a presença do político na Análise do Discurso vai tomando forma, ora com sua presença bem marcada, como lá no início, ora abrindo espaço para outros elementos, mas sempre presente.

Piovezani (2009) em sua obra *Verbo, corpo e voz: dispositivo de fala pública e produção de verdade no discurso político* faz uma espécie de passeio pela história do discurso político, passando pela definição do que seria o discurso político, sua relação com a Análise do Discurso e demais possibilidades de filiações.

De acordo com o autor, a caracterização do discurso político se faz necessária pois é comum a utilização do termo “discurso político” sem que haja uma especificação quanto ao uso do termo, além disso, o termo “político” é comumente utilizado sem que haja a definição do que é político.

Para Piovezani (2009), o discurso político faz da vida algo mais simples, uma vez que classifica as palavras e as coisas, as pessoas e os grupos e explica o mundo. O autor ainda traz a capacidade que o discurso político possui em criar classificações que agem como de acordo com os saberes construídos.

Com bases nos saberes pressupostos ou manifestos de seus locutores, os sujeitos, as instituições e os movimentos sociais tendem a ser distribuídos e organizados em taxonomias binárias e disjuntivas (legítimo / ilegítimo, verdadeiro/falso, moderno/arcaico, progressista/conservador...) que, em última instância recobrem a cisão bem e mal. (PIOVEZANI, 2009, p. 133).

É nesse ponto que entendemos como surge a dinâmica do discurso político de direita ou de esquerda nas redes sociais. O discurso político como esse campo capaz de expressar as dicotomias que foram historicamente construídas. A divisão de dois discursos políticos que fazem surgir diferentes efeitos discursivos.

São essas possibilidades que se abrem no campo do discurso político, além da própria característica inerente ao discurso preconizado pela Análise do discurso, que permitem que sujeitos possam ocupar várias posições. Ser de contra a esquerda não necessariamente implica ser de direita, e o contrário

também é válido. Embora saibamos que não existem apenas dois posicionamentos políticos na política brasileira atual, trabalhamos aqui com a ideia de que direita e esquerda ainda ocupam o espaço de protagonismo quando tratamos de posicionamentos políticos. Tal pensamento encontra consonância com o que afirma Piovezani, ainda que o autor não mencione a bipolarização direita/esquerda, ele reconhece a dinâmica da política brasileira na atualidade.

A segmentação de seu público tem sido, aliás, uma tendência marcante no discurso político brasileiro contemporâneo. Além disso, a instauração e a consolidação da identidade coletiva erigida pelo discurso político podem apoiar-se na identificação de um “outro” e de um “alhares” contrapondo ao “nós, que aqui convivemos...” um “eles, que lá estão...” (PIOVEZANI, 2009, p. 138).

Inicialmente, autor trabalha na perspectiva de um discurso político que não permite toda e qualquer participação. Há uma ordem que funciona como meio de regular e dar características próprias ao discurso político, para ele, baseado no conceito de Bourdieu, poderíamos falar de um “campo político”, um lugar ocupado “graças à posse de competências específicas derivadas da aquisição de um *habitus* que compreende um conjunto de saberes, uma capacidade retórica, *um domínio prático* desse e uma *submissão* a esse campo” (PIOVEZANI, 2009, p. 144). Ainda de acordo com o autor

O fato de que um enunciado ou, antes, um conjunto de enunciados possa eventualmente adquirir um “sentido político” não o torna efetivamente “discurso político”; tampouco um enunciado político (proferido por um político profissional, em circunstâncias públicas, cujo o assunto fosse do interesse geral de uma dada coletividade a que ele é dirigido) deixaria de sê-lo, mesmo que por uma razão qualquer tenha um sentido político neutralizado de algum modo. No campo da política, funciona uma “ordem do discurso” que, além de condicionar as circunstâncias do dizer e os sujeitos que nelas podem assumir a condição de falantes, regula também o que pode ser dito. (PIOVEZANI, 2009, p. 139).

No capítulo *Novas formas do discurso político: metamorfoses discursivas e atualizações disciplinares*, da obra já citada, Piovezani (2009) elabora reflexões sobre as mudanças impostas pelo tempo, sobre a percurso que a AD faz em suas (re)elaborações teóricas. O autor, buscando destacar as mudanças do discurso político em nossos dias, levanta questões como: “Quais

são essas mudanças políticas sofridas pelo discurso político contemporâneo?”, “Em que medida e de que modo a Análise do discurso as tem considerado em seus estudos mais recentes?”.

A resposta, para Piovezani (2009), está na “espetacularização da política”, que surge como resultado de diversas temporalidades históricas, dentre elas a queda de regimes totalitários, a dissolução das massas, a despolitização, o “fim das ideologias”. O Autor aponta outros fatores como

A intensificação do individualismo, o predomínio no âmbito privado sobre a esfera pública, o advento de novas tecnologias que acelerou o ritmo os ritmos da vida e diminuiu os espaços do mundo, a apropriação de estratégias publicitárias pela fala política, as mudanças retóricas e as novas configurações semiológicas do discurso político-televisivo. (PIOVEZANI, 2009, p. 172).

Todos esses fatores criam formas de circulação do discurso político baseadas em novas técnicas e novas materialidades. Longe dessa transformação ser nova, Michel Pêcheux já apontava em seus estudos, no início dos anos 80, que o campo dos discursos políticos estava midiaticizado. E é o que COURTINE (2011) cunhou como passagem das *línguas de madeiras* às *línguas de vento*.

Essa nova forma de emergência dos discursos políticos está no que COURTINE (2011) chama de ordem da liquidez. Essa nova ordem tem estreita ligação com a velocidade em que as transformações têm ocorrido, o fluxo de informações cada vez mais acelerado, as novas necessidades ditadas por um mundo cada vez mais globalizado onde as necessidades de consumo aumentam exponencialmente. Para PIOVEZANI (2009), essas transformações fizeram com que o discurso político se tornasse produto de consumo.

Dessa forma, os discursos políticos passam a emergir em novas materialidades. A ideia dos políticos de palanque, nas praças públicas já havia sofrido mudança substancial com a chegada do rádio e posteriormente com a tv, com o advento da internet, a forma de circulação dos discursos políticos o leva agora a ocupar novos espaços, tornando-o cada vez mais fluido, multifacetado, um fenômeno que mudou o comportamento das pessoas, fazendo emergir sujeitos que operam em uma nova dimensão. No Brasil, essa mudança se deu nos últimos 15 anos

Foi neste período que partimos do debate público tradicional das sociedades de massa (feito, em parte, nos meios eletrônicos como rádio, televisão e nos impressos, jornais diários e revistas); passando pela web 1.0, quando as plataformas digitais transpunham os conteúdos produzidos pelas elites políticas e sociais dos meios tradicionais para os, então chamados, “novos meios”; até chegar à pós-web, das redes sociais digitais, com participação irrestrita e permanente de todos os agentes públicos interessados. (CERVI, 2016, p. 19).

Assim, o surgimento de redes sociais como o *Facebook*, permitiu uma espécie de reagrupamento discursivo da opinião pública. Esse espaço permitiu que o sujeito, entendido na concepção foucaultiana, ocupasse diversas posições a um *click* de distância. A possibilidade da quebra das barreiras geográficas e temporais criou esse efeito do discurso político cada vez mais descentralizado, fragmentado e criador de novas subjetividades.

2.3 Identidades

Nesta seção abordamos os conceitos de identidade advindos de diversos campos do saber, para, por fim, apresentar a noção de Foucault sobre identidade, mais precisamente sobre subjetividade e processos de subjetivação, conceitos que se aproximam de uma discussão sobre identidades.

A questão da identidade de modo algum é atual, e sua problemática vai desde a dificuldade de sua definição ao estabelecimento de seus limites. As definições para *identidade* são as mais diversas e variam em diversos campos. De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa identidade é

1. Conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo
2. Consciência da própria personalidade (*crise de si*)
3. O que faz que uma coisa seja da mesma natureza que uma coisa seja da mesma natureza que outra (*i. de pensamento*)
4. Estado do que fica sempre igual (*a.i das impressões digitais revelaram o assassino*)
5. Documento de identificação (HOUAISS, 2004, p. 396).

A identidade possui inúmeras outras definições, dependendo do campo e do aspecto abordado. Essa complexidade, em sua definição nasce do olhar sobre o homem que é construído ao longo da história. No campo da psicanálise, da sociologia e da linguística, os conceitos são diferentes, embora muitas vezes similares e trazem consigo as mais diferentes abordagens e discussões.

Para a Psicanálise, por exemplo, campo que influenciou a noção de sujeito empregada pela análise do discurso francesa, a questão da identidade é “o processo de identificação que resulta na constituição, dentro de cada um de nós, de um eu, isto é, de uma parte nossa que vai nos parecer a única, porque é apenas dela que temos consciência”. (MEZAN, 1986, p.45).

Daí a importância do estudo do inconsciente para a psicanálise, pois é por meio de processos ligados ao inconsciente que acontece a identificação de si e do outro, e esses processos começam desde a mais tenra idade, ainda na relação mãe-filho. Uma noção importante da Psicanálise para a formação da identidade do sujeito é a de *investimento*, que seria fazer a ligação de certa quantidade psíquica a certo objeto, podendo este ser uma ideia, uma parte do corpo, ou algo do mundo externo. Essa ideia parte do pressuposto de que para que o *Eu* se constitua

é necessário que *ele invista a si próprio*, isto é, que a ideia de "eu" tenha sentido para o bebê. E como isto acontece? De uma maneira muito simples: é a mãe, como porta-voz da sociedade em que o bebê nasce, que por assim dizer "introduz" na psique do bebê um certo tipo de pensamentos, pensamentos cuja função é *identificante*, isto é, que dizem ao bebê quem ele é. "Você é meu bebê", "Você é lindo", "Você é meu filho", são exemplos simples deste tipo de pensamentos, que são pensamentos da mãe acerca de seu bebê (MEZAN, 1986, p. 45).

A partir desses posicionamentos da mãe em relação ao seu bebê, dá-se início à identificação do próprio bebê. E esta identificação se desenvolve ao longo de sua vida, por meio de suas experiências e da internalização⁸ do resultado dessas experiências.

Ainda no campo da psicanálise, vemos nascer a ideia de que todos temos o sentimento de identidade, a ideia de que, embora em espaços

⁸ De acordo com o dicionário de Psicanálise (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 377) internalização significa adoção ou incorporação inconsciente de certos padrões, ideias, atitudes, práticas, personalidade ou valores de outra(s) pessoa(s) ou da sociedade, que o indivíduo passa a considerar como seus; projeção.

diferentes, mantenho-me o mesmo em um determinado momento. Esse é a sentimento inerente ao indivíduo em diferentes fases da vida. É nesse processo ligado ao inconsciente que o *Eu* é forjado, vindo à tona assim a noção de identidade própria. Nasce também a ideia de *sujeito*, que para a psicanálise é entendido enquanto ser dividido entre consciente e inconsciente e, também, como um efeito de linguagem, assim

o [...] inconsciente pode ser recuperado, reconstruído a partir de traços deixados por esses apagamentos, esquecimentos, cabendo ao analista a tarefa da reconstrução. Reconstrução que se faz por um trabalho de regressão ao passado na e pela palavra, buscando-se 'a restauração do sentido pleno [...] das expressões empalidecidas' (Freud), a 'regeneração do significante' (Lacan) (BRANDÃO, 2004, p.55).

Para Lacan, a exemplo, o sujeito é sempre um conjunto de significantes para outro conjunto de significantes, o que opera uma segunda descentralização onde o sujeito nunca estaria em si, mas sempre no outro. A identidade, nesse sentido, está intimamente ligada à relação com o outro.

Vemos que no campo dos estudos sociais as discussões em torno das identidades vêm se apresentando com destaque. De acordo com Stuart Hall (1997), um dos motivos para esse enfoque seria o fato de que as antigas identidades, vistas até então como unificadoras do sujeito, estariam entrando em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno. A própria concepção de identidade de acordo com Hall torna-se complexa, uma vez que

O próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (HALL, 1997, p. 1).

Ainda de acordo com Stuart Hall, a noção de identidade passou por três fases que permitiram chegarmos até a noção pós-moderna de identidade. O primeiro desses momentos é o do sujeito iluminista, que possui a característica de indivíduo centrado e unificado, possuindo suas ações pautadas na razão, formando assim uma estrutura rígida de comportamento "esse indivíduo possuía uma linearidade identitária, ou seja, o indivíduo possuía um núcleo que nascia com

ele e se desenvolvia permanecendo essencialmente o mesmo, contínuo e idêntico” (HALL, 1997, p. 7).

Em outro momento, emerge uma concepção sociológica de identidade, em que este sujeito, em contato com um mundo mais complexo começa a perceber que o mundo afeta sua relação com outro, e que sua identidade é formada a partir da relação com a sociedade, e que essa relação se torna importante e necessária, na medida em que permite que haja contato com o mundo cultural, e uma interação com as identidades oferecidas por este, denominado por Hall de sujeito sociológico. Portanto, de acordo com essa visão

a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 1997, p. 8).

Após essas duas fases enfim chegamos ao que Hall denomina de sujeito pós-moderno, que não possui mais um núcleo estável, um sujeito que possui múltiplas identidades, e que sofrem alteração em decorrência de um mundo cada vez mais rápido em suas mudanças e exigências de respostas.

Esse sujeito pós-moderno resulta das mudanças nas estruturas sociais e comportamentais que nos são apresentadas diariamente na sociedade moderna. E que não mais definem o sujeito ao nascer, ou seguem uma ordem hierárquica sem mobilidade, e sim modificam e movimentam as identidades dos sujeitos a todo o momento, e que vão de escolhas relativamente simples, como a escola em que se vai estudar, as escolhas do curso superior a cursar.

Os limites culturais, sociais e econômicos não são mais visíveis, é possível percorrer as barreiras sociais que antes eram limitadas por conveniências pré-estabelecidas. O sujeito pós-moderno possui um leque de escolhas, o que torna difícil sua fixação e imobilidade, desse modo

a identidade deixa de ser algo dado com o nascimento e passa a ser conceituado como algo em constante construção e transformação. Ela não se trata mais de uma coisa imposta, mas do produto de escolhas. Nas palavras de Hall, não mais uma questão de ser, mas de tronar-se (NÓBREGA, 2010, p.96).

Em meio aos mais diversos tipos de identidades disponíveis, a mídia mostra-se como meio importante para a difusão dessas possibilidades de sujeitos e comportamentos, de acordo com Livia de Pádua Nóbrega (2010) dentro dessas mídias, as redes sociais como o *Facebook*, permitem que seus usuários construam e divulguem o ideal identitário que desejam.

Esses novos espaços que a internet cria, permitem que o sujeito se movimente pelos diversos lugares sem pertencer definitivamente a nenhum, é o que Pierre Lévy (1999) considera como *desterritorialização*. Ele nos propõe que uma das grandes características do processo de virtualização⁹ que ocorre em diversos campos (seja no corpo, na linguagem ou na economia) é o de *desterritorializar* o presente, de trazer uma unidade de tempo sem uma unidade de lugar.

Ainda no campo da identidade, Zygmunt Bauman (2005) afirma que esta seria um efeito de pertencimento, embora paradoxalmente pautada na instabilidade, o que aconteceria em decorrência do fato dos lugares contemporâneos estarem sendo deslocados constantemente pelas máquinas de informação e, por isso, sendo impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único.

Para Bauman (2005, p. 16), na atualidade, “tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos por toda vida, são bastantes negociáveis e revogáveis”. A ideia de que as “identidades” flutuam no ar coloca a necessidade urgente de uma identificação; os indivíduos buscam cada vez mais por um “nós” a quem possam pedir validação, daí a surgem novas possibilidades de interação, como o nascimento das comunidades virtuais. A exemplo na figura abaixo.

⁹ Entende-se por *virtual*, o meio utilizado na internet para interação.



Figura 1: Comunidade virtual no Facebook. Fonte: Facebook.com

Um dos fatores determinantes para essa instabilidade identitária seria a mídia em geral. As redes sociais contribuem para a rapidez nessa mudança na medida em que permitem que as identidades dos usuários estejam em recorrente alteração e construção, com apenas um *click* o usuário cria o perfil que quiser, sem precisar se preocupar com a veracidade das informações divulgadas. Além disso, há uma sensação de pertencimento, estar “em rede” traria a sensação de estar acompanhado, de estar em grupo, cria o “sentimento do nós”.

No campo da comunicação de massa (inserir-se aí as redes sociais) a construção da identidade se dá entre a relação da subjetividade e intersubjetividade. O primeiro conceito se refere a como o sujeito compreende a si mesmo e se percebe. Desse modo, subjetividade, nesse sentido, constitui, portanto, “um atributo essencialmente individual, que envolve sentimentos e pensamentos mais pessoais” (SANTOS, 2009, p.6)

Por outro lado, a intersubjetividade se apresenta como o entrelaçamento das subjetividades no campo cultural e social. A construção das identidades se mostra, assim, como um complexo campo onde os diversos sujeitos se aproximam, distanciam-se e se identificam como pertencentes desse ou daquele grupo. A filiação a uma rede social, por exemplo, torna-se um meio onde o sujeito experimenta todos esses processos e constitui-se como um exemplo atual dos

meios de construção de identidade, uma vez que, nesse espaço, as identidades estão em constante metamorfose.

Essa confluência de possibilidades que a internet trouxe modificou as relações e as novas formas de entender as identidades. Não basta a existência no mundo dito real, as relações em sociedade, atualmente, impelem o indivíduo a buscar sua existência no campo virtual. Ninguém quer ser um *outsider*, e talvez, querer ser um *outsider* seja uma forma de forjar sua identidade por meio da diferença.

Na atualidade, o indivíduo é seduzido a participar desse mosaico de identidades que está disponível nas redes sociais. A existência dessas possibilidades modificou o funcionamento das engrenagens sociais. Nas redes sociais, todos ocupam o mesmo espaço e suas diferenças já são formadas por outros mecanismos.

As identidades surgem, então, a partir das “bandeiras” levantadas, do pertencimento às comunidades virtuais, das fotos postadas, das legendas utilizadas; elas nascem da quantidade de seguidores, de quem você segue, de quem você não segue, do posicionamento sobre assunto polêmico, do não posicionamento sobre esse assunto. As identidades são forjadas pelo usuário, mas também são atribuídas pelo outro.

O fluxo incessante de informações, a rapidez na mudança de interesse, as tendências ditadas na sociedade de modo geral, determinam o nascimento e a morte de uma rede social, e com ela, a dissolução das identidades dos seus usuários. Não possuir um perfil em uma rede social é o mesmo que não existir no mundo virtual. As identidades na virtualidade têm criado impacto no mundo econômico, social e político. É neste último que reside nosso interesse na presente pesquisa.

2.4 Subjetividade/subjetivação em Michel Foucault

A centralidade do sujeito na obra de Foucault já foi mencionada em passagens anteriores. Mas, nesta seção abrimos espaço para explorarmos como Foucault entende a identidade, a subjetividade e a subjetivação.

A ideia de identidade para Foucault está ligada a uma tradição clássica da filosofia, como afirma Revel (2011). Na visão foucaultiana, a concepção de identidade está associada a um sujeito que é dono de si, que possui pleno controle de todos os seus processos, livre para escolher, um sujeito que está no comando de sua existência. É a essa ideia de identidade que Foucault vai elaborar críticas severas.

A identidade, assim, na Idade Clássica, é aquilo a que nos obriga. Essa alteridade a que Foucault se refere, de acordo com Revel (2011), está ligada a uma identificação que a coloca em relação àquilo que ela não é, para Foucault, esse gesto que expõe o diferente, o contrário é um gesto de poder.

A Razão moderna, assim, utiliza dessa estratégia como uma espécie de “exclusão inclusiva”, onde esse processo de identificar (criar identidades) se constitui como uma espécie de instrumento dessa época. Cabe, diante disso

Compreender por meio de quais mecanismos epistemológicos essa identidade pode ser fixada, organizada, hierarquizada, controlada, tanto do ponto de vista do saber, quanto do ponto de vista das relações de poder na ordem do discurso como nas estratégias de gestão da ordem social e política. Ser identificado é ser objetivado duplamente: como objeto de discurso e como objeto de práticas, isto é, construído sob a forma paradoxal de um sujeito objetivado dos saberes e dos poderes. (REVEL, 2011, p. 81).

Como já mencionado, Foucault tem seu interesse voltado para os modos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos, assim, ele desenvolve estudos sobre os modos, os processos em que os indivíduos são transformados em sujeitos, ou seja, *subjetivados*. O foco, para Foucault (2004, p. 264), é entender “a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade”.

Assim, ele estuda os meios pelos quais o sujeito é objetivado, transformado em objeto de estudo, pelos campos de saberes como a linguística e as ciências humanas, por exemplo. Objetivação e subjetivação são processos mútuos, não podendo falar em independência entre elas. O indivíduo é subjetivado ao ser transformado em objeto de uma determinada relação de saber e poder.

Nessa perspectiva, a identidade funciona como uma prisão, uma vez que os sistemas de saberes-poderes ao identificar, terminam por causar uma espécie

de assujeitamento, onde as identidades são fixadas a partir de determinada classificação, consideradas como forma de dizer “a verdade sobre o sujeito” (REVEL, 2011). Para Foucault,

Esta forma de poder exerce-se sobre a vida quotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, os designa pela sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. (FOUCAULT, 1995, p. 231).

O que Foucault faz ao longo de seus trabalhos é investigar como esses mecanismos operam ao transformar os seres humanos em sujeitos. Assim, no texto *O sujeito e o poder*, ele destaca três modos de objetivação do sujeito. O primeiro seria o modo de investigação, o sujeito como centro de um estudo, a exemplo, no campo da linguística.

O segundo modo seria o sujeito como resultado do que Foucault chamou de práticas divisórias. O sujeito dividido em si e em relação aos outros. Foucault acredita que esse processo objetifica o sujeito, ele cita o exemplo da divisão do louco e do são, do doente e do sadio, mas vamos usar como exemplo também o centro de nossa pesquisa, a divisão entre os sujeitos de esquerda e de direita.

O terceiro modo de objetivação é o que está no foco dos últimos trabalhos de Foucault, a forma como o ser humano se torna sujeito na perspectiva da sexualidade. Como ele se reconhece como sujeito de sexualidade. (FOUCAULT, 1995).

De acordo com Foucault (2004, p. 236), a subjetividade é “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo”. Em seu curso intitulado “*Subjetividade e verdade*”, ele defende que essa relação do sujeito consigo mesmo também é uma relação com o outro, uma vez que a constituição do sujeito se dá a partir da relação com o outro. A maneira pela qual se constitui um sujeito é o que Foucault denomina como subjetivação. Para Revel,

Os “modos de subjetivação” ou “processo de subjetivação” do ser humano correspondem, na verdade, a dois tipos de análise: por um lado, os modos de objetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos – o que significa que há apenas sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; por outro lado, a maneira pela qual a relação com o si, por meio de

uma série de técnicas de si, permite aos ser humano se constituir como sujeito de sua própria existência. (REVEL, 2011, p. 144).

Vale destacar que Foucault trata a questão da subjetividade em uma perspectiva histórica. O sujeito não é uma substância, mas uma forma que não é idêntica a si. Assim, o problema do sujeito, para Foucault, é o problema da história da forma-sujeito. (CASTRO, 2016, p. 407).

Foucault trabalha em diferentes textos o tema da subjetivação. Neto (2017), afirma que trabalhar a subjetivação em Foucault requer manter em conexão a política, a ética e a estética. Esse aspecto da política da subjetivação não pode ser separado de um trabalho que sujeitos “individuais ou coletivos” realizam sobre si mesmos, a partir de elementos que compõem seu ambiente cultural, social e institucional. (NETO, 2017).

Dessa forma, articulamos nesta pesquisa os conceitos elaborados por Michel Foucault sobre identidade, objetivação e subjetivação para trazer à baila como ocorrem esses processos em um ambiente virtual, dentro de uma rede social, buscando destacar que subjetividades emergem a partir dos movimentos engendrados pelos sujeitos que formulam enunciados sobre as posições de direita e esquerda em um grupo fechado da rede social *Facebook*.

Antes, contudo, é necessário conhecer o lugar em que ocorrem esses processos. É preciso entender o que é e quais peculiaridades e mecanismos que existem nesse espaço chamado de *rede social*. Assim, apresentamos no capítulo seguinte os conceitos de rede social, bem como fazemos um passeio pela sua origem e atual constituição, mostramos como as redes sociais podem ser entendidas como espaços *heterotópicos* e apresentamos a configuração da rede social *Facebook*.

3. AS REDES SOCIAIS

A ideia de agrupamento está na humanidade desde os seus primórdios, nos vestígios de civilizações antigas já é possível encontrar traços de formação de grupos nas primeiras formas do homem. De maneira natural, o homem foi se reunindo, seja pelos laços consanguíneos, seja pelas relações de proximidade nas tribos, por exemplo.

A evolução da espécie humana mostra que o ser humano sempre sentiu a necessidade de estar em grupo, pelos mais diversos motivos que vão desde a sobrevivência à necessidade de conviver com outro ser humano. O indivíduo em sociedade se desenvolve a partir das relações com o outro, é a partir dessas relações que a linguagem e os traços que individualizam o homem são formados.

A ideia de sociedade, de convívio em grupo, se mostra tão essencial que tal necessidade fez surgir diferentes formas de interação. O advento da internet, em 1962, modificou de maneira significativa a forma de circulação das informações e de interação no mundo, a internet que foi criada inicialmente para fazer a conexão entre laboratórios de pesquisa durante a Guerra Fria, hoje possibilita a conexão entre milhões de pessoas.

E tal qual os demais meios de comunicação (a tv, o rádio etc.), a internet permitiu que surgisse uma nova linguagem e modificou a maneira como as pessoas se relacionam. Se a internet revolucionou a velocidade em que as informações fluem, o mesmo pode ser dito sobre a necessidade de interação nesse novo universo.

As principais mudanças de comportamento na sociedade observadas ao longo dos séculos XX e XXI tem influência decisiva do que se passou a considerar como viver em rede. A criação da *Arpanet*¹⁰ em 1965 e sua abertura para uso público posteriormente, impulsionou o movimento que conhecemos como globalização. De acordo com Luciana Zenha

O século XX é marcado por essa ampliação do conceito de rede e se estende ainda mais ao focar as interações sociais promovidas por meio do computador conectado à internet, à rede das redes, ou seja, uma

¹⁰ Sigla para *Advanced Research Projects Agency Network*, que se refere ao projeto feito por uma agência do governo norte-americano (ARPA) responsável por vários projetos de pesquisa, dentre eles o ARPANET que deu origem ao processador de internet. <https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-arpanet>. Acesso em 05/04/2021.

rede que se conecta a determinadas redes. Esse cotidiano digital teve início com a Arpanet em 1965, aberta no Brasil em 1995, que evoluiu para a Web 1.0 e, posteriormente, para plataformas advindas da Web 2.0. Da Web 1.0, que se limitava a uma plataforma que oferecia informações, para a Web 2.0, onde tende a emergir da cultura da interação e colaboração. A Web 2.0 inaugurou diversas redes colaborativas como, por exemplo, Blog, Podcast, YouTube, Second Life, Wiki, Rede Social, dentre mais de 300 possibilidades de interação online individual e em grupos. (ZENHA, 2018, p. 4).

As conexões que existem entre as pessoas no mundo físico, chamado de maneira comum por muitos de mundo real, ganhou novas faces no mundo virtual. Essa existência no mundo virtual criou novos espaços, nova velocidade nas interações, nova linguagem e um novo olhar sobre o outro.

A palavra virtual, que vem do latim *virtualis*, que deriva, por conseguinte, de *virtus*, força, potência, embora considerada por muitas pessoas como uma oposição ao que é real, com o avanço do uso da internet, essa oposição tem perdido cada vez mais o significado. As regras de convivências, inclusive as sanções, tem demonstrado que o mundo virtual está cada vez mais próximo do significado de mundo real. Nesse contexto, a vida no que conhecemos também como ciberespaço passou a ditar novos comportamentos.

O termo ciberespaço, criado por William Gibson e usado pela primeira vez em sua obra de ficção científica chamada de *Neuromancer*, é a aglutinação das palavras cibernético e espaço, fazendo referência a esse espaço virtual que só passou a ser possível graças ao advento da internet. Nas palavras de Ben-Ze'ev (2015) “o ciberespaço é o local onde pessoas reais tem interações reais com outras pessoas, enquanto podem moldar, ou até mesmo criar, as suas próprias personalidades e as de outras pessoas”.

A rápida evolução dentro da própria internet deu novo lugar ao *e-mail*, por exemplo, que, inicialmente, era o principal meio de comunicação no ciberespaço, com o passar do tempo, ganhou novo status de caráter muito mais profissional. Não bastava mais apenas falar com a lista de contatos, endereçar a um grupo e saber que seria lido individualmente, nascia a vontade de falar com um grupo, de ser lido/ouvido por vários. As relações necessitavam de um formato mais dinâmico, a necessidade de interação urgia por novas formas e a internet era o campo fértil. Surgiram, a partir dessa possibilidade, as chamadas redes sociais, que de acordo com Danah Boyd e Nicole Ellison são

serviços baseados na web que permitem que os indivíduos (1) construam um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articulem uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão e (3) visualizem e percorram sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (BOYD e ELLISON, 2007, p. 2).(tradução nossa).

O nascimento das redes sociais tem sua certidão datada ainda nos anos 90. Até chegar ao estágio atual em que em se encontram, ela surge de maneira tímida, ainda na forma dos *weblogs*, mais tarde conhecidos apenas como *blog*. Essa espécie de diário virtual não tem data exata de criação, nem há consenso sobre qual foi o primeiro *blog*. Há quem diga, inclusive, que o primeiro *blog* foi criado por um brasileiro¹¹. Fato é que essa primeira forma de rede social tinha basicamente o objetivo de compartilhar ideias, pensamentos, rotinas, sugestões particulares de alguém, um lugar onde as pessoas poderiam escrever sobre qualquer coisa e dividir isso com outras pessoas, que poderiam interagir por meio dos comentários.



Figura 2: página inicial do site *blogger.com*, mantido pela empresa Google. Fonte: *blogger.com*

Atualmente, os *blogs* continuam em uso mundo afora, com a inovação dos hipertextos, fotos e vídeos, os *blogs* mantem sua função original, como descrito na política de privacidade da página *Blogger.com* “O Blogger é um serviço gratuito destinado à comunicação e livre manifestação. O Blogger amplia

¹¹ <https://rockcontent.com/br/blog/historia-dos-blogs/>. Acesso em: 20/04/2021.

a disponibilidade das informações, estimula o debate transparente e possibilita novas conexões entre as pessoas”¹². A ideia de conexão entre pessoas no ciberespaço continua sendo um dos objetivos dessa primeira forma de rede social.

Já as Redes Sociais (também chamadas de sites de relacionamentos) mais conhecidas, no formato mais tradicional, as que tem por objetivo reunir pessoas, conectar grupos, estabelecer conexões, começam a tomar forma no final da década de 90. Elas formam um grupo de páginas que podem ser acessadas por meio da internet, que focam em objetivos diversos e que reúnem pessoas com os mesmos interesses.

O objetivo maior, no entanto, é a possibilidade de conexão com as pessoas, ou pelo menos com páginas escritas por outras pessoas. A quebra das barreiras geográficas, a possibilidade de onipresença virtual, o alcance do que se diz, do que se escreve, do que se faz, a procura por status e o sentimento de pertencimento são outros ingredientes que atraem milhões de pessoas.

As primeira Redes Sociais que se tem registro surgem no ano de 1997. A *AOL Instant Messenger*, trouxe a inovação das salas de bate-papo, nessa rede era possível o envio e recebimento de mensagens instantâneas. Ainda que limitado pelo uso exclusivo dos assinantes do provedor de internet *America Online*, a possibilidade de comunicação online entre várias pessoas em tempo real representou uma grande inovação.

No mesmo ano entra em cena o *Sixdegrees*. Essa é considerada por muitos como a primeira rede social do mundo, exatamente por possuir os moldes das redes sociais existentes na atualidade e partir da ideia de que todas as pessoas estariam conectadas em algum grau. A rede em questão foi montada baseada na teoria do psicólogo norte-americano Stanley Milgram, que afirmava que no mundo seriam necessários apenas seis laços (ou seis graus, como leva o nome da rede social) de amizades para que duas pessoas estivessem interligadas.

¹² Trecho retirado da política de conteúdo do Blogger.com.
<https://www.blogger.com/content.g?hl=pt-BR&bpli=1&pli=1>. Acesso em: 10/04/2021.



Figura 3: página de acesso da rede social Sixdegrees. Fonte: www.techtudo.com.br.

As principais características dessa rede social incluíam a permissão de criação de perfis, envio de convite para amigos, organização de grupos e a possibilidade de navegar pelos perfis de outras pessoas. Dentre as diferenças mais marcantes das redes sociais atuais está a impossibilidade de anexar fotos. Uma rede social sem fotos é quase inimaginável atualmente.

Apesar dos moldes precursores, a rede social não se manteve por muito tempo. Dois anos após sua criação ela foi vendida e, no ano seguinte, encerrada. Entre os fatores apontados para o fracasso estão o acesso limitado à internet, as conexões na década de 90 eram ainda muito lentas, além da falta de variedade na página, que se resumia basicamente a adicionar outras pessoas. Ademais, embora tenha chegado a possuir mais de 3,5 milhões de usuários¹³, muitas pessoas questionavam a ideia de se conectar a desconhecidos no ambiente virtual.

Outra rede social que surgiu durante o *boom* desse novo formato foi o *Friendster*. A rede social criada em 2002 é a que apresentava praticamente o mesmo formato das redes sociais mais conhecidas atualmente. Partindo da ideia de conectar-se a amigos e familiares, achar antigos amigos e fazer novos amigos, a rede social *Friendster*

foi desenhado para potenciar relações entre utilizadores com amigos em comum na rede, partindo do princípio de que, desta forma, seria mais fácil criar relações entre pessoas em comum do que entre duas pessoas estranhas, muito à semelhança do que sucede no contexto *off-line*. (BOYD e ELLISON, 2007, p. 6). (tradução nossa).

¹³<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/sixdegrees-sete-curiosidades-sobre-a-primeira-rede-social-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 20/04/2021.

As dificuldades técnicas apresentadas por essa rede social em virtude do grande número de acesso terminaram por fazer com que os usuários se frustrassem. Os servidores não estavam preparados para a quantidade de pessoas que acessavam o site. Além disso, nesse período surgiram outras redes sociais que apresentavam maiores atrativos e uma estabilidade melhor nos servidores. Por fim, *Friendster* acabou caindo em desuso nos Estados Unidos, ainda que sua popularidade tenha se mantido em alta durante um bom tempo em países como Filipinas, Malásia, Singapura e Indonésia

Acompanhando o filão das redes sociais, nesse mesmo período em que *Friendster* cai em desuso, surge o *My Space*. Essa rede social não diferia muito de sua rede vizinha, porém, trazia os aprimoramentos necessários para que logo se tornasse uma febre. Um dos principais motivos do grande sucesso do *My Space* se deve a entrada de bandas de músicas nessa rede social. O grande número de bandas associadas à rede social terminou por alavancar seu crescimento. Nesse sentido, Danah Boyd e Nicole Ellison apontam que

Bandas não foram a única fonte de crescimento do MySpace, mas a relação simbiótica entre bandas e fãs ajudou o MySpace a se expandir além dos ex-usuários do Friendster. A dinâmica de bandas e fãs foi mutuamente benéfica: as bandas queriam ser capazes de contatar os fãs, enquanto os fãs desejavam a atenção de suas bandas favoritas e usavam conexões de amigos para sinalizar identidade e afiliação. (BOYD e ELLISON, 2007, p. 2).(tradução nossa).

Outro diferencial foi a invasão dos adolescentes a essa rede social, um espaço até então usado por jovens adultos, transformou-se em um lugar para adolescentes que buscavam acompanhar suas bandas prediletas e compartilhar afinidades. Essa nova relação entre usuários adultos e adolescentes também começou a gerar preocupação em relação a casos de pedofilia na internet, tanto que a restrição a menores de idade começou a ser utilizada em redes sociais posteriores.

O *My Space* seguiu absoluto até 2008, quando foi ultrapassado pelo *Facebook* em número de acessos nos Estados Unidos. Ainda que tenha sido comprado por outra empresa em 2011 e relançado com novas ferramentas em 2013 com o nome de *New My Space*, a rede social não conseguiu tirar o

protagonismo do *Facebook* a época. Em tempos de sede por novidades é difícil imaginar que uma rede social após a queda no número de usuários volte a ser usada com a mesma frequência.

No Brasil, o destaque em redes sociais foi o *Orkut*, criada em 2004. Ela teve uma explosão de acessos um ano após o seu lançamento. O *Orkut* foi criado por Orkut Buyukkokten, um engenheiro turco que tinha a intenção de ajudar seus usuários a fazer novas amizades e a manter relacionamentos. O objetivo era seu uso e sucesso nos Estado Unidos, porém, foi na Índia e no Brasil que a rede social teve seu ápice. Muito desse sucesso se deve ao fato de que a rede social possuía a opção da língua portuguesa, até então, as demais redes sociais que embarcaram por aqui não dispunham dessa possibilidade.

Uma das maiores inovações do *Orkut* foi a possibilidade de criação de grupos sobre os mais diversos assuntos, as chamadas *comunidades*. A possibilidade de agrupar pessoas em um espaço, sobre temas variados, gostos, assuntos comentados no momento, a possibilidade de interagir nos fóruns, de conversar com pessoas de diferentes lugares do país, fez um sucesso incrível.

O mecanismo “comunidades em comum”, disponível algum tempo depois, servia para mostrar o grau de semelhança e afinidade entre os usuários por meio das comunidades que ambos seguiam. Além disso, embora a comunidade pudesse ser o local para discutir sobre determinados assuntos, na maioria dos casos elas serviam apenas para indicar preferências, gostos, sem que o usuário interagisse nos fóruns. Participar de determinada comunidade era uma forma de adereço a sua personalidade virtual. As comunidades, nesse sentido, revelavam, muitas vezes, mais sobre o usuário do que as próprias informações descritas em seu perfil.



Figura 4: Exemplo de comunidade no Orkut. Fonte: <https://olhardigital.com.br/>

O *Orkut* perdeu espaço no Brasil com a chegada do *Facebook* em 2012. A novidade e a quantidade de usuários que migraram para o *Facebook* decretaram o rápido declínio no acesso ao *Orkut* no Brasil. Em junho de 2014, foi anunciada a descontinuidade da primeira rede social a virar febre entre os brasileiros.

O estudo sobre redes sociais requer o entendimento da dinamicidade e rapidez com que elas nascem e se desenvolvem. É preciso ter em mente que os perfis dos usuários se modificam, que as necessidades mudam, que a funcionalidade evolui e que a busca por novidades é sempre um fator importante.

Esse novo espaço de interação inaugurou novos ritos, criou hábitos e modificou a forma como as pessoas interagem. As redes sociais, podem, assim, ser pensadas em uma dimensão *heterotópica*. Esse conceito, cunhado por Michel Foucault, ajuda-nos a entender como as redes sociais possibilitam essa circulação de enunciados, discursos e subjetividades que emergem nesses espaços. Assim, no tópico a seguir, apresentamos brevemente o conceito de *heterotopia* e relacionamos às redes sociais.

3.1 Redes sociais como espaço heterotópico

O entendimento de *heterotopia* que utilizamos aqui nasce das reflexões de Michel Foucault sobre espaço. Em uma conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, em 1997, Foucault apresenta o texto “Outros espaços”, onde trabalha os conceitos de *utopia* e *heterotopia*, é a partir desse texto que apresentamos esse conceito e formulamos sua relação com as redes sociais. Assim, Foucault, em seu texto já mencionado, define heterotopia como sendo

lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias; e acredito que entre as utopias e esses posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. (FOUCAULT, 2006, p. 415).

É nessa perspectiva que entendemos que as redes sociais podem ser consideradas como espaços heterotópicos. Uma vez que ocupam lugares reais, ainda que dentro do espaço virtual, e são localizáveis, uma vez que as redes sociais possuem endereço eletrônico e, no entanto, representam lugares que estão fora de todos os lugares (físicos). Essa espécie de utopia efetivamente realizada também pode ser entendida com a múltiplas possibilidades que as redes sociais oferecem. Nesses espaços, as fantasias são realizáveis, a construção da identidade utópica (a idealizada, desejada, porém, não realizada) é efetivada e passa a ter existência. Em seu texto, Foucault (2006) também propõe princípios para a descrição e os sentidos que podem assumir as *heterotopias*, ou aquilo que ele chama de “lugares-outros”.

O primeiro princípio para Foucault é o de que “não há nenhuma cultura no mundo que não deixe de criar as suas heterotopias” (FOUCAULT, 2006, p. 415). Ele divide as heterotopias em dois tipos: as *heterotopias de crise*, que seriam aquelas reservadas às pessoas em crise (adolescentes, mulheres menstruadas ou grávidas, idosos etc.), e seriam lugares como os colégios internos, que, em seu formato do século XIX, tem desaparecido atualmente dando lugar às *heterotopias de desvio*, “aquelas nas quais os indivíduos, cujos

comportamentos são desviantes em relação às normas ou média necessárias, são colocados” (FOUCAULT, 2006, p. 415), esses lugares seriam, por exemplo, as casas de repouso e os hospitais psiquiátricos. Ele cita ainda as casas de terceira idade, como uma espécie de misto entre a *heterotopia de crise* e a *heterotopia de desvio*.

O segundo princípio afirma que “uma sociedade, à medida que a sua história se desenvolve, pode atribuir a uma heterotopia existente uma função diversa da original” (FOUCAULT, 2006, p. 415), o que quer dizer que as *heterotopias*, a partir de mudanças culturais, podem assumir na sociedade papel diverso do seu original. As redes sociais são exemplos disso. Desde as suas primeiras formas elas tem, a um só tempo, se moldado às mudanças culturais e promovido mudanças culturais, a exemplo da funcionalidade das primeiras redes sociais e a evolução no decorrer do tempo.

O terceiro princípio trata da capacidade que a *heterotopia* teria de “justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2006, p. 416). As redes sociais, mais uma vez se enquadram nesse princípio. Esse talvez seja o princípio que merece melhor destaque, uma vez que esta pesquisa é realizada em um grupo, dentro de uma rede social, que permite que coexistam, ao mesmo tempo, diversos sujeitos de posicionamentos, tidos, muitas vezes, como incompatíveis, como é o caso dos sujeitos que se identificam como de direita e os que se identificam como de esquerda. Além da possibilidade de criação de vários espaços dentro desses espaços que são as redes sociais.

O quarto princípio seria relativo ao tempo das *heterotopias*. Nessa perspectiva “as heterotopias estão ligadas, mais frequentemente, a recortes do tempo, ou seja, elas dão para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias” (FOUCAULT, 2006, p. 416), assim, Foucault afirma que o auge de uma heterotopia seria a ruptura do homem com sua tradição temporal. Ele define ainda duas espécies diferentes de *heterotopias* nessa perspectiva, as que se acumulam como o tempo e as que “estão associadas ao tempo na sua vertente mais fugaz, transitória, passageira” (FOUCAULT, 2006, p. 416). As redes sociais pertenceriam ao segundo tipo, uma vez que tanto a criação quanto a permanência de uma rede social não obedecem a uma cronologia determinada. Algumas redes sociais, como exposto em tópico anterior, surgem

como uma febre passageira, elas “não estão orientadas para o eterno; bem pelo contrário, são de uma absoluta cronicidade” (FOUCAULT, 2006, p. 416).

O quinto princípio alude que “as heterotopias pressupõem um sistema de abertura e encerramento que as torna tanto herméticas como penetráveis” (FOUCAULT, 2006, p. 417). Elas podem possuir uma entrada compulsória ou por meio de rituais em que os indivíduos têm que obter permissão e precisam repetir certos gestos. (FOUCAULT, 2006).

Nas redes sociais, enquanto espaço heterotópico, esse ritual de entrada variou com o decorrer do tempo, passando desde os convites enviados por e-mail (O *Orkut*, inicialmente, permitia apenas a entrada de usuários que houvessem sido convidados por outros usuários), até o preenchimento de dados necessários ao cadastro na rede social.

Foucault (2006) salienta ainda em relação a esse princípio que há heterotopias que parecem ser aberturas, mas servem de forma velada a exclusões. Há uma ilusão de que todos podem entrar nesses espaços heterotópicos pelo simples fato de terem entrado, o que na verdade configuraria uma verdadeira exclusão. Poderíamos pensar aqui sobre a ilusão que as redes sociais criam ao permitirem que todos possam fazer parte, a sensação de pertencimento que estar em uma rede social gera, quando o fato de poder interagir com diferentes sujeitos, observar as diferenças e os desníveis de poder aquisitivo podem gerar esse sentimento de exclusão. Todos podem ocupar esse espaço, mas nem todos tem o mesmo *status*.

Por fim, o sexto e último princípio aduz que as *heterotopias* têm em relação ao espaço funções específicas em que “o seu papel será ou o de criar um espaço ilusório. [...] ou então o de criar um espaço outro, real, tão perfeito, meticuloso e organizado em desconformidade com os nossos espaços” (FOUCAULT, 2006, p. 418). Assim, as redes sociais possibilitam a criação desse espaço ilusório, onde é possível essa perfeição, essa organização, diferente muitas vezes da vida fora das redes sociais. Elas permitem, ainda, ser um espaço onde “todo e qualquer aspecto da existência” pode ser regulado (FOUCAULT, 2006, p. 418).

Assim, como preleciona Gregolin sobre a internet, as redes sociais também podem ser consideradas como esse espaço heterotópico onde “cruzam-se todo tipo de outros espaços, consensuais e conflitantes; acolhem-se todo tipo

de enunciados e de formas de visibilidade numa cartografia em que se misturam permissividade e controle de forma ambígua” (GREGOLIN, 2018, p. 202). No tópico a seguir, apresentamos a rede social *Facebook*, espaço heterotópico escolhido para a pesquisa.

3.2 Por dentro do *Facebook*: origem e funcionamento

A rede social *Facebook*¹⁴ foi criada em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e seus amigos da faculdade de Harvard. Inicialmente o site de relacionamento era restrito a estudantes da Universidade de Harvard, sendo em seguida ampliado a usuários de outras faculdades, e logo após abrindo espaço para usuários secundaristas. Após dois anos em funcionamento em ambiente particular, em 2006, o site abriu espaço para qualquer usuário que quisesse associar-se à rede.

O *Facebook* foi criado num período fecundo ao uso de redes sociais, já que, outras redes sociais como *Orkut*, *My Space* já existiam até então. A explosão do uso da rede social no Brasil ocorreu no final do ano de 2011, quando a rede social já registrava mais de 36,1 milhões de usuários¹⁵, superando a hegemônica rede social *Orkut* aqui no Brasil, rede social que contava com 34,4 milhões de usuários a época.

Dentre as várias funções do *Facebook*, o próprio site deixa claro que “Facebook’s mission is to give people the power to share and make the world more open and connected.”¹⁶ (FACEBOOK, 2020). Dessa forma, o site apresenta-se como uma forma de compartilhamento de informações, bem como de si mesmo.

Mark Zuckerberg em entrevista à emissora MTV Brasil, em 2010, afirmou que a principal função da rede social “é manter-se conectado a seus amigos e familiares e para compartilhar e controlar suas informações na internet.”

¹⁴ A palavra *Facebook* em português significa algo como *Face*=rosto e *Book*= livro que em tradução inteligível seria algo como “álbum de fotos”.

¹⁵ Segundo dados da *comScore.com* divulgados em janeiro do mesmo ano.

¹⁶ A missão do Facebook é dar às pessoas o poder de dividir e fazer o mundo mais aberto e conectado. (tradução nossa).

(ZUCKERBERG, 2010). Vale ressaltar que a entrevista foi feita em 2010 e à época, a quantidade de usuários do site ainda estava longe de ultrapassar a marca de usuários do *Orkut*.

Outro ponto a evidenciar é o funcionamento desta rede social que, em linhas gerais, permite que o usuário após um cadastramento prévio, onde este necessitará do uso de uma conta de e-mail registrada, possa criar um perfil na página, com fotos e informações sobre si, e a partir daí, trocar mensagens, estabelecer diálogos, comentar assuntos, criar páginas de eventos, entre outras possibilidades que serão discutidas em tópicos posteriores.

O amplo acesso à rede social deve-se em parte, ao crescente uso desse meio de interação na sociedade e, também, a facilidade que a rede social possui no momento do usuário se associar à rede. Um cadastro simples é feito sem necessidade de permissão de um órgão superior, e as informações podem ser adicionadas com o decorrer do tempo, mostrando assim a maleabilidade com que o site em questão trata a construção da identidade, onde tudo se torna editável e apagável.

Ainda sobre a facilidade do acesso, a mesma possui recorrência na maioria dos sites de relacionamento, embora tenha havido um período em que sites como o extinto *Orkut*, tenha exigido “O grande” convite pra tal acesso. O usuário necessitava de um convite via e-mail de outro usuário já cadastrado, porém, tal procedimento durou apenas dois anos. Sobre tal aspecto José Adjailson Uchôa-Fernandes explica que

para justificar essa mudança na política de cadastramento de usuários, o próprio Büyükkokten¹⁷ afirmou durante palestra na USP, em abril de 2007, que esse mecanismo “já não tinha razão de ser”, uma vez que o *Orkut* havia atingido 35 milhões de usuários no mundo e que “a probabilidade de alguém receber um convite acabou se tornando muito alta”, fazendo desse mecanismo algo desnecessário. (UCHÔA-FERNANDES, 2008, p. 49).

Outro aspecto relevante sobre o funcionamento dessa rede social, gira em torno da função econômica que esta pode exercer. Dado o grande número de acessos que o site recebe diariamente, este se torna um campo de divulgação

¹⁷ Criador do Orkut.

amplo. Longe de lançar *pop-up*¹⁸, o *Facebook* possui opções de acessos às páginas de interesse do usuário, que podem ser feitas de maneira voluntária, ou por indicação de outros usuários. Ao frequentar uma lanchonete de agrado pessoal, por exemplo, o usuário pode pesquisar a mesma no *Facebook* e “curtir”¹⁹ a página da lanchonete, uma forma de dizer que gostou do lugar.

Nesse sentido, o *Facebook* funciona também como um grande “*outdoor*” – meio de propaganda ao ar livre -, e os usuários tornam-se responsáveis por essa propaganda. As empresas interessam-se cada vez mais pelo poder de propaganda que o site oferece, e por esse motivo é crescente o número de páginas de empresas que se vale desse meio, que além de barato (patrocinar uma página pode ter um valor X a ser discutido com um representante de vendas do *Facebook*), o público alvo é enorme, muito mais do que pode ser a quantidade de leitores de páginas de anúncios em jornais ou de transeuntes atentos às propagandas ao livre.

Voltando às concepções que possibilitam as relações em rede, percebe-se que a movimentação nessa rede social é facilitada pela dinâmica que a mesma propicia. O *Facebook* dispõe de um mecanismo que permite o usuário, partindo de sua página principal, acessar perfis de amigos, e daí de amigos de amigos. Assim,

partir de sua área pessoal, o usuário pode realizar algumas ações básicas, como identificar outros usuários que são seus amigos (e que passam a constar como *friends* em sua página). Os amigos de um indivíduo cadastrado formam a sua rede, e assim um usuário pode ligar-se a milhares de pessoas através de threads (ou teias), ou seja, cadeias que envolvem amigos de amigos e assim por diante” (FONTANELLA & PRYSTHON *apud* MOCELLIM, 2004, p. 4).

Para discutirmos que elementos são acionados pelo sujeito para expressar suas identidades é necessário conhecer o “palco” onde os diferentes tipos de sujeitos podem “atuar”, para tanto, é preciso apreciar os elementos que permitem a existência desse sujeito no *Facebook*, por esse motivo, descreve-se a seguir os diferentes mecanismos disponíveis nesta rede social.

¹⁸ Janelas automáticas que são abertas ao visitarmos um site, ou acessarmos um hiperlink, e que são usados geralmente como forma de propaganda.

Página inicial

No momento do cadastro na rede social o usuário precisa preencher várias informações que serão de suma importância no momento de localizar conhecidos que também utilizam a rede. É necessário preencher campos como: lugar onde mora, lugar onde concluiu o ensino médio, lugar onde trabalha, grupos do qual faz parte, faculdade onde estuda (ou), e na maioria dos casos, esses campos já possuem opções de páginas à qual você pode se associar. Por exemplo, ao escrever que estudou na UFMA (Universidade Federal do Maranhão), o usuário tem a opção de fazer parte do grupo da UFMA, desse modo, pode encontrar outros usuários e adicioná-los ao seu grupo de amigos, de conhecidos, ou outro grupo qualquer que tenha criado.

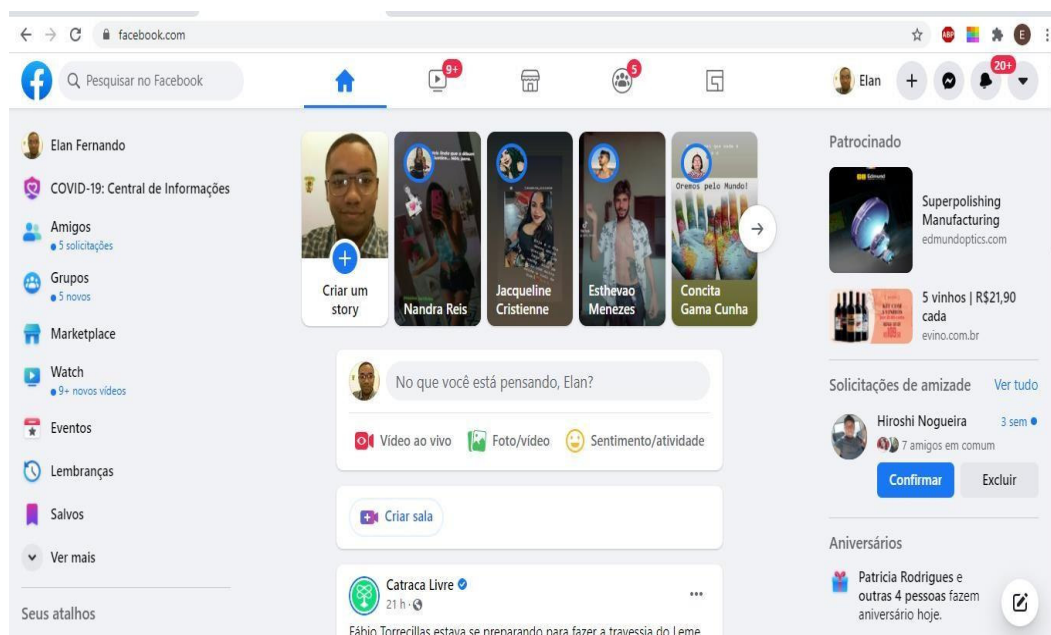


Figura 5: página inicial do Facebook. Destaque para os três símbolos que dão informações sobre os recentes acontecimentos na conta do usuário. Fonte: <https://www.facebook.com/>

Nesse início, já temos uma espécie de ritual de autoidentificação, um conjunto de dados que já inserem o indivíduo em uma ordem social, atribuindo-lhe identidades a partir de seu grau de escolaridade, da cidade onde mora, a que instituição pertence, colocando-o numa espécie de divisão de nichos.

Após criar sua conta na rede social, ao acessar sua página, o usuário é direcionado até a página inicial, onde encontrará atualizações (postagens, fotos

adicionadas, páginas que o usuário “curtiu”, fotos em que foi marcado²⁰, modificações na sua página, como por exemplo: status de relacionamento, adição de informações pessoais, postagens de páginas que o usuário tenha “curtido”), além de poder ver quem lhe deixou mensagem “*inbox*” – mensagem deixada por outro usuário em domínio privado – e enviou solicitação de amizade. Essas informações somente podem ser vistas pelo usuário da conta, que recebe também informações através da sinalização que ficam no topo da página, como aponta a figura 5.

Nesse ponto, o *Facebook* permite um monitoramento de sua vida nessa rede social: qualquer comentário em que alguém tenha marcado seu nome será sinalizado, como as “*curtidas*” que você levou seja em suas fotos (que são a essência da rede social, embora não seja precedente para sua existência *online*, visto que há usuários que não postam fotos apenas comentários) ou comentários, até mesmo outros usuários que tenham “comentado”²¹ em uma foto, ou em outro comentário que você também o tenha.

Sobre isso, percebe-se haver um constante *Link*²² entre o usuário e os acontecimentos a eles relacionados, uma vez que o nome de todo usuário representa um *Link*, o mesmo ocorrendo com suas ações em rede. Após postar qualquer coisa em sua página, esse usuário receberá as informações sobre *quem* e *o que*, escreveram sobre sua postagem. É como se ao chegar em casa alguém lhe avisasse o que ocorreu enquanto esteve fora, ou até mesmo quem lhe deixou recado, ou como prosseguiu determinada conversa da qual você fazia parte antes de ter que se ausentar.

Entre as informações encontradas na página inicial é possível ainda, ter acesso ao *bate-papo*, aos *Feeds de notícias* (página que contém atualizações sobre amigos, as páginas que “curtidas”, jogos, os eventos do qual o usuário participa, aniversariantes do dia – com espaço para escrever um recado - entre

²⁰ A marcação é o mecanismo que permite identificar, por exemplo, que são os usuários do *Facebook* que estão em determinada foto. O *Facebook* disponibiliza um caixa de texto que aparece ao passarmos o mouse no rosto de alguém na foto, desse modo é possível “escrever” o nome de quem aparece na foto.

²¹ Mais informações sobre esse mecanismo serão dadas no tópico seguinte.

²² *Link*: frequentemente traduzido como “vínculo”, um link é uma conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados. Os Links permitem a navegação dentro de um documento hipertextual (ou hiperídia). Na internet, um link é qualquer elemento de uma página na Web que possa ser clicado com o mouse, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento, figura etc. (LEVY, 1999, p. 266)

outras informações), às comunidades as quais o usuário está vinculado, entre outras opções de grupos de páginas (sobre filmes, atores, humor, música) que se apresentam aleatoriamente e que mostram quais “amigos” deste usuário já “curtiram” essas páginas.

Outra página exibida pelo *Facebook* é a página que contém a *Timeline* – linha do tempo – do usuário. Essa página é a primeira que um usuário tem acesso ao visitar a página de outro usuário, de modo que contém as principais informações sobre ele. Essa linha do tempo só é ativada após sete dias, a contar do cadastramento do usuário, isso serve para que ele possa personalizar sua página.

Em ordem cronológica, a linha do tempo exibe diversas informações sobre o usuário, de acordo com as instruções do site, esse é um espaço reservado para que a pessoa “Compartilhe e destaque as melhores lembranças, fotos e eventos cotidianos na sua linha do tempo. (...) é onde você pode contar sua história do começo até agora.” (FACEBOOK). Esse espaço serve ainda para exibir sua foto de perfil, e sua foto de capa, um espaço maior que coloca em destaque uma imagem escolhida pelo usuário do site, e que é a primeira a ser visualizada por visitantes desse perfil.

A capa do *Facebook* representa um importante adereço nessa rede social. Há inclusive *sites* especializados em imagens para uso como capa no *Facebook*. Todo esse ritual de entrada no *Facebook* é um gesto de produção de identidades, por vários motivos. Nesse espaço o sujeito só revelará as melhores lembranças podendo mesmo construir, forjar essas lembranças, que podem ser inclusive fictícias. É um espaço que pode destacar como o sujeito se vê ou gostaria de ser visto.

Ainda sobre a *Timeline*, é possível exibir imagens de filmes, livros, músicas, programas de televisão, etc. Esse aplicativo permite montar um mural sobre as afinidades de cada participante da rede social, é possível ainda controlar quem pode ter acesso a esse conteúdo, por exemplo, é possível configurar a conta para que somente amigos possam ver esse conteúdo.

Postar, Curtir e Comentar

A escrita na rede social pode ocorrer de maneira direta ou através de elementos que a representem. Assim, o usuário pode escrever um comentário, ou pode selecionar outros mecanismos que desempenham a mesma função. No *Facebook*, há quatro mecanismos que permitem que o usuário diga algo sobre si, sobre outro usuário, ou sobre determinado assunto, são eles: *Postar*, *Curtir* e *Comentar*.

A *Postagem* no *Facebook* representa a escrita individual, essa *postagem* pode ser algo de uma escrita autoral, uma foto (ou várias), um vídeo, ou algo que tenha sido postado por outro usuário. Essa movimentação de postar algo que já foi postado por outro usuário, é o que se denomina *compartilhar*. Esse mecanismo permite que você possa utilizar o conteúdo postado por outro usuário na sua linha do tempo, de modo que fica evidente de quem o conteúdo foi compartilhado, e embora seja possível adicionar um comentário, fica subscrito o comentário original. Esse mecanismo funciona como uma forma de sempre deixar visível a origem do compartilhamento.

É possível ainda escolher se esse compartilhamento deve ser feito na sua linha do tempo ou na linha do tempo de um amigo, ou um grupo de amigos. É importante salientar que esse mecanismo de compartilhamento na linha do tempo de outros usuários está sujeito a configurações pessoais, há configurações de usuários que não permitem que qualquer conteúdo seja compartilhado na sua linha do tempo sem autorização prévia.

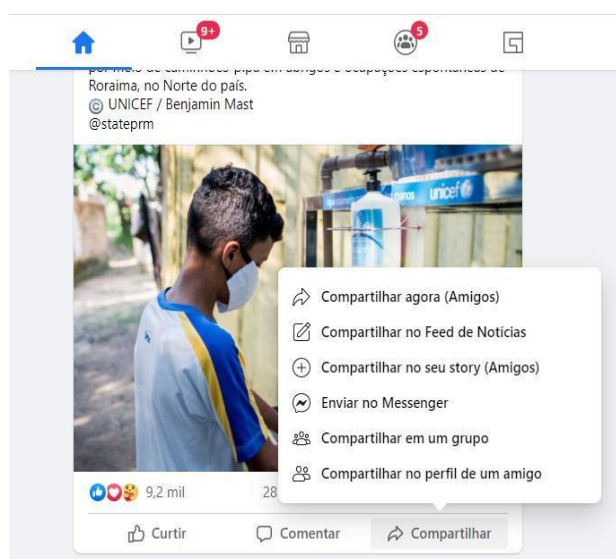


Figura 6: processo de compartilhamento de conteúdo.
Fonte: <https://www.facebook.com/>.

Ao *Comentar* algo no *Facebook* o usuário escreve algum comentário na parte inferior de uma postagem. Essa opção está sempre disponível na visualização das postagens. Esse mecanismo permite que os usuários possam travar diálogos em torno de determinada postagem, ou sobre qualquer assunto que queiram. Os comentários são incitados pelo *site*, uma vez que abaixo de toda postagem aparece a foto do perfil do usuário e a frase “*Escreva um comentário...*”.

O mais conhecido de todos os mecanismos é o “*curtir*”, que não se caracteriza como um elemento de escrita em si, mas representa uma forma de subscrever, sem estrutura textual, que gostou do conteúdo. Funciona como uma forma rápida e eficaz de dizer “*gostei desse conteúdo*”, ou até mesmo “*apoio esta ou aquela causa / iniciativa*”. Basta um *click* e o usuário deixa simbolizado que gostou do conteúdo.

A opção “*curtir*” possui muitas funções dentro da rede social, seu significado aparente seria de expressar a afinidade do usuário em relação a determinado elemento, podendo ser este uma foto, uma página, um comentário de outro usuário, um vídeo, etc.

O que podemos perceber é que a opção “*curtir*” insere o sujeito num âmbito que passa a constituir quem ele é, assim como todos os sentidos que são acionados no simples clicar da opção “*curtir*”.



Figura 7: página de humor no Facebook. Fonte: Facebook.com



Figura 8: página de humor no Facebook. Fonte: Facebook.com

Ao *curtir* a página acima, os sujeitos inserem-se num campo discursivo em que diferentes subjetividades podem ser vislumbradas. O sujeito que *curte* a página pode ser interpretado como um sujeito informado dos últimos acontecimentos. Além de se mostrar como um sujeito crítico, a favor do uso de máscaras, contra os ditos negacionistas da pandemia, por exemplo.

Os motivos que levam uma pessoa a *curtir* alguma coisa no *Facebook* são os mais diversos, e nem sempre claros, porém, os efeitos que a ferramenta causa na identificação dos sujeitos, são visíveis. Em relação à opção *curtir*, outro fator relevante são os índices de “popularidade” que a mesma pode representar. Quanto mais *curtidas* uma página, um comentário, uma foto levar, torna-se mais perceptível a movimentação social que o sujeito possui.

Essa ideia de “popularidade” nos remete à célebre frase de Andy Warhol, artista ícone da *pop-art*, que afirma que no futuro todo mundo será famoso por 15 minutos. No *Facebook* a popularidade é medida por uma série de fatores que se encaixam de maneira a ser possível identificar a vida social do sujeito em questão.

A ferramenta *Compartilhar*, que serve para postar conteúdos de outros usuários, ou outras páginas, apresenta-se também como um meio de expressão

de si, um meio de compartilhar ideias, sentimentos, indignações, desse modo o sujeito constrói sua imagem na relação com o outro e por meio do diálogo com outras imagens.

A ideia por trás da criação do *Facebook*, de acordo com David Kirkpatrick (2011), é dar poder ao indivíduo por meio de ferramentas que lhe permita se comunicar de maneira mais eficiente. Essas mesmas ferramentas permitem que os sujeitos mobilizem formas de articular subjetividades, assim, vemos no capítulo seguinte como isso ocorre no grupo em análise a partir da identificação das posições políticas de direita

4 DE DIREITA OU DE ESQUERDA: processos de subjetivação no Facebook

O objetivo da pesquisa até aqui apresentada, como já mencionado, é investigar subjetividades que emergem a partir das identidades de direita e de esquerda que circulam em um grupo privado na rede social *Facebook*. Nesse percurso, vemos também quais os efeitos de sentido dos enunciados produzidos por esses sujeitos políticos nesse espaço, articulando conceitos da Análise do discurso como: discurso, enunciado, sujeito, subjetivação e memória discursiva.

4.1 Escavando enunciados: metodologia e contexto nacional

O grupo *Direita x Esquerda*, localizado na rede social Facebook, escolhido para a seleção dos *posts* a serem analisados, propõe-se a discutir as questões que envolvem esses posicionamentos políticos, com o intuito de obter “bons debates e boas argumentações”²³. A escolha desse grupo foi embasada na quantidade de participantes.

Uma pesquisa usando o mecanismo de busca da própria rede social revelou que entre os grupos com essa temática, este era o que possuía maior quantidade de participantes. Os inúmeros participantes – mais de 43.000 mil - permitem que haja uma grande quantidade de material a ser analisado.

Para esta pesquisa foram selecionados quatro *posts* que estão dentro do período de análise, o critério de seleção é pautado na ocorrência de enunciados que identificam o que é ser de Direita e de Esquerda, o que, naquele período, apresentava-se como uma regularidade nesse campo discursivo. Os enunciados emergiram em um momento de polarização política.

O período escolhido para a seleção – início oficial das campanhas políticas de acordo com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que vai de 31 de agosto de 2018 a 07 de outubro de 2018 - do *corpus* tem relação com a efervescência do momento em que o país se encontrava. No Brasil, as eleições de 2018 foram marcadas pela já mencionada polarização no campo político. E

²³ Citação retirada do documento em pdf que regulamenta a organização do grupo. Autoria desconhecida.

essa polarização está relacionada a uma rede de acontecimentos que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2018.

Listamos abaixo os que consideramos que contribuíram para a instabilidade política nacional e intensificação da polarização já citada.

- Após o aumento das tarifas de trens, metrô e ônibus de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, tem início na cidade de São Paulo, em junho de 2013, uma série de movimentos liderados pelo MPL (Movimento do Passe Livre);
- Em meados de junho, as manifestações se tornaram frequentes e já não representavam mais apenas a inconformidade com o aumento das tarifas, diversas pautas reuniam os manifestantes²⁴;
- Na mídia, havia veículos que noticiavam as manifestações como atos de violência e vandalismo, e os que tratavam de diversas maneiras, a mais repercutida era o combate a corrupção;
- Nas redes sociais, as movimentações atraem diversos grupos e começam a surgir *hashtags* como #nãoepor20centavos, #vemprarua e #ogiganteacordou.
- As movimentações que explodiram pelo país já contavam com o apoio de grande parte da opinião pública. De acordo com pesquisa²⁵ realizada a época, 77% dos entrevistados eram a favor das manifestações;
- Em várias capitais do Brasil a tarifa sofre diminuição, em São Paulo, isso ocorre apenas em 19 de junho;
- Em 20 de junho, um número estimado de 1 milhão de manifestantes se reúnem nas ruas;
- O primeiro ato #foraDilma ocorre em 26 de junho de 2013;
- Em 2014, ocorrem várias investigações sobre esquemas de corrupção (como o esquema conhecido como *Petrolão*) ocorridas durante o governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e da presidenta Dilma Rousseff, ambos do PT (partido dos trabalhadores);

²⁴ Em sua obra, *Só mais um esforço*, Vladimir Safatle afirma que “a partir de 17 de junho, quando massas de manifestantes saem às ruas em resposta à violência policial que ferira mais de cem pessoas em São Paulo. [...] aparecem também grupos ligados a discursos nacionalistas e a uma pauta anticorrupção, focada basicamente, no consórcio governista. Começam lutas internas e brigas nas próprias manifestações entre grupos de esquerda e direita”. (2017, p. 111).

²⁵ <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297619-cresce-apoio-a-protestos-contra-a-tarifa-de-onibus-entre-paulistanos.shtml>. Acesso em 05/04/2021.

- Em 2015, de acordo com o DATAFOLHA²⁶, 500 mil pessoas vão às ruas protestar contra o governo Dilma;
- Em outubro de 2015, o pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff é aceito na câmara dos deputados;
- Durante esse período crescem as manifestações contra e a favor da presidenta. Nas redes sociais as hashtags #foradilma e #nãovaitergolpe são usadas com frequência;
- Crescem também as manifestações lideradas por movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre), Endireita Brasil e Vem Pra Rua;
- Em 2016, o ex-presidente Lula é conduzido coercitivamente a pedido do, então juiz federal, Sergio Moro;
- Nesse mesmo ano, um movimento na avenida paulista reúne cerca de 500 mil pessoas²⁷. Um pato gigante é inflado em frente à FIESP, representando a *hashtag* #nãoovopagaropato contra o aumento de impostos;
- 31 de agosto de 2016, o processo de *impeachment* é votado na câmara destituindo a presidenta democraticamente eleita Dilma Rousseff;
- Com a aproximação das eleições presidenciais, o ano de 2017 é marcado por manifestações e uso de *hashtags* como #foratemer e #Lulalivre;
- Em 2018, o cenário de polarização segue ao longo do ano com manifestações pautadas na divisão Esquerda x Direita até o momento das eleições.

Assim, é nesse contexto histórico que emergem os enunciados que são analisados. A rede social *Facebook* é peça fundamental nesse período por sua popularidade no Brasil, ela contribuiu para que fosse possível desde a organização de eventos com convites virtuais, até a identificação dos sujeitos com o uso de *hashtags*, além de popularizar as discussões em grupos nesse espaço.

Nas palavras de Marques (2011, p. 210), as redes sociais são importantes ferramentas de discussão política e durante as eleições elas

²⁶ <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/03/1749713-maior-manifestacao-politica-da-historia-de-sp-reune-500-mil-na-paulista.shtml>. Acesso em 05/04/2021.

²⁷ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>. Acesso em 05/04/2021.

modificaram o cenário político por conta de sua atração do eleitorado ao ambiente virtual. Assim, entendendo o *Facebook* como um espaço heterotópico, onde os enunciados estão em relação de divergência, de proximidade, de afastamento, construídos a partir de relações de saber e poder, que se torna possível as análises aqui propostas.

A escolha em participar de um grupo que gira em torno do binômio Direita x Esquerda (Por que não falar da identidade de centro, por exemplo?) também deixa entrever a subjetividade de um sujeito que sente a necessidade de se posicionar em um dos polos. Essa necessidade tem raízes históricas, mas mudou a forma ao longo do tempo. Na atualidade, as redes sociais trouxeram a possibilidade de maior participação no campo político.

4.2 Subjetividades que emergem

Para a Análise do Discurso, a interpretação das materialidades discursivas depende da retomada de outros discursos, gesto que exige do analista uma memória, denominada no interior desses estudos de memória discursiva, a qual permite que os discursos atuem em uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Constitui acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

Os sujeitos que enunciam nos *posts* não são tratados como indivíduos, eles ocupam um lugar, de onde são autorizados a enunciar e estão em relação com outros sujeitos, de diferentes maneiras. Não podemos, pois, “conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação”, temos aqui a concepção de que ele é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2016, p. 115). Por esse motivo, apagamos os nomes dos autores dos enunciados, para tratá-los como sujeitos dos enunciados.

No primeiro *post* selecionado para análise destaca-se a batalha de sentidos em torno de discursos que intentam delinear o que é ser de direita:

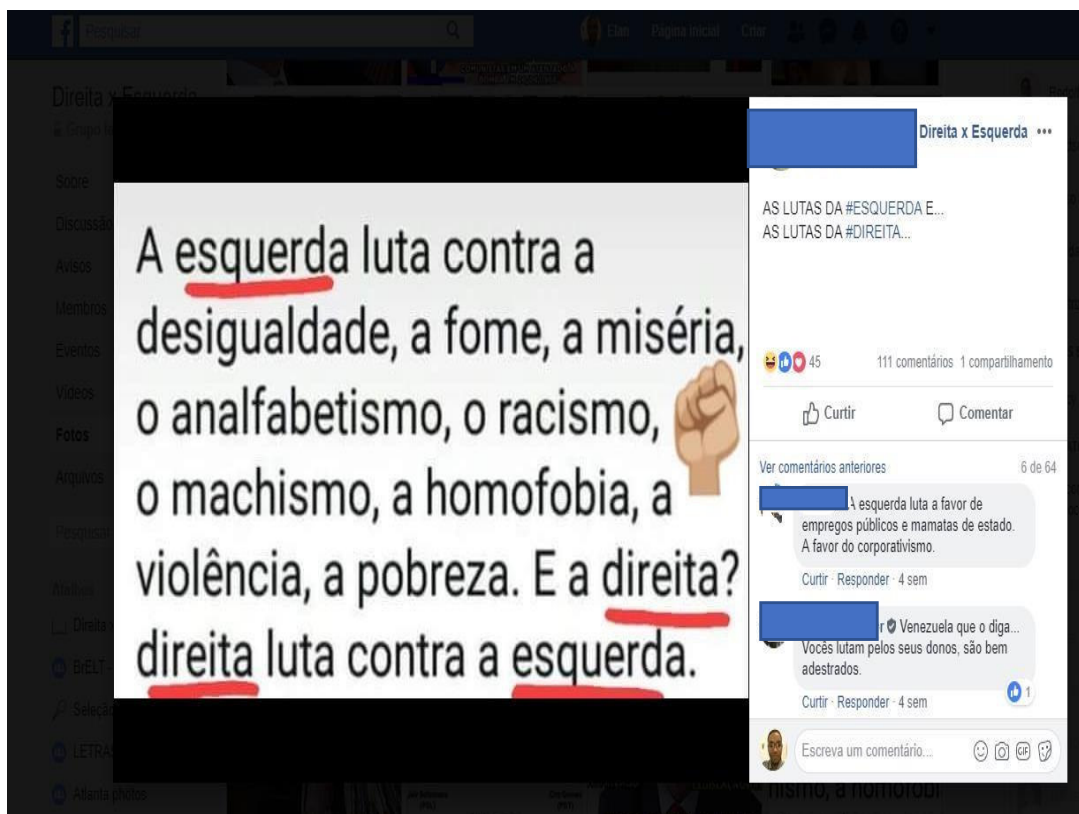


Figura 9: post 1. Fonte: facebook.com

Nesse *post*, a esquerda é tida pelo sujeito que enuncia como o grupo que combate os males que afligem a sociedade, ser de esquerda é ser contra a desigualdade, a fome, a miséria, o analfabetismo, o racismo, o machismo, a homofobia, a violência e a pobreza, e não apenas ser, mas lutar contra, movimenta-se no sentido de mudança dessa realidade. A cor vermelha aqui sublinhando as palavras esquerda e direita no texto, remetem à filiação política das pautas em questão. Já no fim, em forma de pergunta, sugerindo dúvida, falta de propósito que justifique a existência da direita, a resposta coloca a direita na posição de contrária a todas as pautas de esquerda, ou seja, ser de direita é ser contra a esquerda, o que implica em ser a favor da desigualdade, da fome, da miséria, do analfabetismo, do racismo, do machismo, da homofobia, da violência e da pobreza.

Nesse enunciado, o sujeito que se coloca a favor dos discursos de esquerda define sua filiação por oposição a outra subjetividade e seu argumento é construído por uma espécie de “lógica” de significação,—a qual emerge de uma combinatória de premissas, de verdades extraídas dos elementos que compõem a primeira informação. Assim, a resposta dada à

pergunta “E a direita?” não é colocada de forma evidente, o enunciado sugere apenas que a direita não tem uma luta por pauta social própria, pois leva o tempo a combater as lutas da esquerda.

Além disso, a relação entre texto e imagem possui grande importância na forma como os discursos políticos circulam na atualidade. Assim, ao usar o símbolo do punho cerrado, o sujeito evoca uma memória histórica. Esse símbolo é usado ao longo da história como símbolo de resistência e está associado aos movimentos de esquerda. Inúmeras são as imagens ao longo da história que trazem essa forma simbólica. Embora apareça de maneira mais regular durante o século XX, em imagens do século XIX já é possível encontrar esse símbolo, como afirma o historiador Raphael Amaral em entrevista ao site *Nexo*²⁸. Esse símbolo entre para a vitrine de outros símbolos ligados aos movimentos socialistas e faz parte da memória das lutas dos partidos de esquerda, como é possível analisar nas imagens abaixo do quadro pintado por Robert Koehler (1850-1917), chamada *O socialista*, no século XIX, e repetida em encontro em 2014 pela presidenta Dilma Rousseff e outros presidentes da América do sul que também pertenciam a partidos de esquerda.



Figura 10: *O Socialista*, Robert Koehler. Fonte: <https://reproarte.com/es/seleccion-de-temas/a-estilo/realismo/el-socialista-detail>.

²⁸ <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/24/Qual-o-significado-do-gesto-de-levantar-o-bra%C3%A7o-com-o-punho-fechado>. Acesso em: 22/04/2021.



Figura 11: Presidenta Dilma Rousseff em encontro com líderes internacionais em 2014. Fonte: <http://www.ricardosetti.com>.

As múltiplas possibilidades de interação entre os sujeitos estão entre uma das atratividades das relações nos grupos no *Facebook*. Vale ressaltar que a postagem possui 111 comentários, porém, tomemos para análise apenas os dois que aparecem na imagem. Os enunciados que surgem ao lado da imagem são mobilizados por sujeitos que, autorizados a postar, demonstram discordar do que traz o *post* e contribuem, na medida em que entram o jogo discursivo para a construção de outras subjetividades.

Assim, eles trazem definições que são diferentes das que estão presentes na imagem, ao enunciar que *“a esquerda luta a favor de empregos públicos e mamatas de estado. A favor do corporativismo”*, o sujeito traz à tona a ideia de que ser de esquerda é, na verdade, tirar vantagem do que é oferecido pelo estado, a luta a favor de empregos públicos surge como algo negativo, ligada a *“mamatas”*, que são, de acordo com o dicionário online Michaelis²⁹, *“vantagem pecuniária obtida em órgão público, em proveito próprio ou de outrem, em transações fraudulentas; comedeira, negociata.”* Surge, assim, a subjetividade de uma esquerda que quer, na verdade, se aproveitar das benesses do Estado.

Mais abaixo ao comentário anterior surge outro enunciado, *“Venezuela que o diga, vocês lutam pelos seus donos, são bem adestrados”*. Nesse momento, o sujeito evoca a Venezuela, país da América do sul que naquele momento se encontrava presidido por Nicolás Maduro, que pertencia ao Partido Socialista Unido da Venezuela, partido considerado de esquerda. Mas, desse enunciado surge a relação com outros que foram usados exaustivamente durante a campanha presidencial de 2018, tais como *“se o PT ganhar, o Brasil*

²⁹ <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Xpqqeb>. Acesso em 20/04/2021.

vai virar uma nova Venezuela”. Esse enunciado emerge nas campanhas presidenciais de 2002, proferido pelo então candidato José Serra, pertencente a um partido de direita, se referindo a possibilidade da vitória do candidato Luís Inácio transformar o país em uma Venezuela³⁰. Essa comparação guarda relação com a ideia de que a Venezuela estaria vivendo uma ditadura comandada por um presidente de esquerda.

Vale ressaltar que a Venezuela se encontrava em 2002 em meio a uma crise política, com uma greve geral e manifestações que pediam a deposição do presidente Hugo Chávez. Naquele momento, em 2002, a expressão usada pelo candidato José Serra, foi replicada pelos diversos veículos de imprensa. O “perigo” do Brasil entrar em crise, assim como aconteceu com o país vizinho, era usado para criar essa ideia de medo do que um governo de esquerda poderia transformar o país.

A palavra “Venezuela” ganha a força de um enunciado que traz a ideia de um país em crise, de um governo de esquerda que fracassou. Esse enunciado ressurgiu com força nas eleições de 2018, de onde ressurgiu também a subjetividade de que ser de esquerda é apoiar ditaduras disfarçadas, governos corruptos e que gerem mal o país. Cabe retomar a ideia de que relacionar a esquerda a um país já é uma estratégia usada por parte da direita ao usar enunciados como “*Vai pra Cuba*”.

Por fim, ao usar o pronome “você”, o sujeito estabelece essa relação de subjetividade onde, tanto se coloca em outro polo, um “você” que não é um “nós”, que “*não sou eu*”, como define sua própria subjetividade em oposição ao outro. Estabelece ainda a subjetividade de uma esquerda que obedece a um dono, esse dono poderia ser o partido, um movimento reivindicatório, mas cria essa ideia de animal adestrado, aquele que foi submetido a uma série de práticas a fim de reproduzir determinado comportamento, visando determinado fim, sem que haja reflexão sobre, visto que os animais não possuem essa capacidade cognitiva.

A esquerda, nessa perspectiva, não possui a capacidade de autonomia reflexiva. Ser de esquerda é estar em relação de obediência, de subjugação por um dono, é estar sujeito a práticas que conduzem à reprodução de

³⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u40275.shtml> Acesso em: 22/04/2021.

comportamentos sem criticidade. Assim, o sujeito de esquerda, nessa perspectiva, não pensa, ele apenas obedece. Passamos para a análise do segundo *post*.



Figura 12: Post 2. Fonte: www.facebook.com

De acordo com Courtine (2006, p. 84), “a mensagem política não é mais unicamente linguística, mas uma colagem de imagens e uma performatividade do discurso, que deixou de ser prioritariamente verbal”. Assim, no segundo *post* em análise, no texto verbal, temos o seguinte enunciado transcrito abaixo.

“E ISTO QUE VOCÊ QUER PARA VOCÊ, O FUTURO DO SEU PAÍS, DA SUA FAMÍLIA, DOS SEUS DESCENDENTES, SE FOR, NESTAS ELEIÇÕES ENCHAM O CONGRESSO NACIONAL, A CÂMARA FEDERAL, O SENADO COM ESTAS MARMOTAS E COLOQUE NA PRESIDÊNCIA UM DELES PARA DESMORALIZAREM E QUEBRAREM O PAÍS DE VEZ, TANTO ECONOMICA, COMO MORALMENTE. NO CÉU, DEUS QUE ADORA COMUNISTA E ESQUERDISTA PARA NÃO DIZER O CONTRÁRIO, VAI DAR A TUA RECOMPENSA, SÓ ACHO QUE NÃO VAI SER NO CÉU E A RECOMPENSA É OUTRO QUE VAI DAR...”

O sujeito mobiliza termos que associam religião (Deus, céu), e política. O sujeito que enuncia afirma que ser de esquerda (e comunista) é algo condenável

por Deus, recompensável pelo diabo, cuja referência se instaura pelo implícito (a recompensa é outro que vai dar); ser de esquerda é ainda algo que vai contra o futuro do país, contra a família e seus descendentes.

O uso da palavra “comunista” nesse contexto, em oposição ao discurso religioso (Deus não gosta de comunista), aciona outros discursos que estão no domínio da memória sobre o embate entre comunistas e religiosos, discursos que emergem pelas relações históricas e ressurgem por meio de enunciados como esse.

Desse modo, no Brasil, a história do comunismo também é formada pelas lutas em volta do poder. Basta lembrar que durante a Guerra Fria, a luta entre duas superpotências, União Soviética (comunista) e Estados Unidos (capitalista) dividiu o mundo em torno de questões ideológicas. No Brasil, aliado da superpotência norte-americana, com o intuito de rechaçar qualquer influência comunista, diversas propagandas começam a circular nesse período, a exemplo da imagem abaixo.



Figura 13: Folheto anticomunista produzido pela USIA (United States Information Agency).
Fonte: <https://falauniversidades.com.br/saiba-de-onde-surgiu-o-medo-do-comunismo/>

O sujeito, ao formular o enunciado sobre comunismo, faz emergir essa subjetividade de uma esquerda que é antirreligiosa, lançando mão de uma noção que guarda relação com a história e que ressurge como um novo acontecimento, uma vez que para Foucault (2006, p. 26) “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

A palavra “comunismo” também mantém relação com a palavra esquerda, em vermelho. O vermelho associado ao movimento comunista carrega essa memória com a cor da bandeira do movimento, ela evoca outros enunciados que circularam com frequência entre os movimentos de direita e os movimentos antigovernista, como “*nossa bandeira jamais será vermelha*”.

Dando continuidade à análise do *post*, pela ordem da língua o sujeito sugere ao leitor que a esquerda provocou deslocamentos das subjetividades, inversão de valores e conceitos, que vão contra a família, a moral e a ideia de um país moralizado, como expõe o texto na postagem.

O efeito do discurso produzido pela retomada das imagens que compõem a outra parte do *post* faz surgirem não somente as subjetividades que a esquerda produz por meio do nome colocado em forma de etiqueta na frente das imagens (mulher, homem, criança, opressores, oprimidos, política, cultura, arte e pensamento político), mas denota a existências de subjetividade que surgem não apenas pelo discurso da afirmação daquilo que é, mas pelo discurso da negação daquilo que não é.

Assim, o sujeito enunciator traz para o campo discursivo ideia de que a esquerda é composta por sujeitos cujas subjetividades estão relacionadas a dos travestis e transsexuais, juntamente com a defesa das identidades de gênero (a exemplo da criança exposta), e que entende que família, composta por um homem, uma mulher e um casal de filhos, todos brancos, formando uma imagem higienizada do conceito de família, seriam, para a esquerda, opressores, em oposição aos oprimidos, jovens negros e armados. Ou seja, surgem as subjetividades de uma esquerda que não possui essa composição familiar, mas é formada, como já dito, pelas subjetividades de travestis, transsexuais e bandidos (negros).

A imagem do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em um evento realizado em São Paulo, em 2018, surge como exemplo das subjetividades, tanto do político, quanto da política. Aparece na imagem uma confluência entre o verbal, a palavra política, e o não-verbal, a imagem de Lula, sorrindo, denotando uma espécie de apoio ao beijo entre dois homens, relacionando assim a imagem do ex-presidente, símbolo da esquerda no Brasil ao apoio às pautas LGBTQI+. Emerge, nesse viés, a subjetividade de um político de esquerda que apoia movimentos que, de acordo com o sujeito enunciator, não deveria apoiar.

O que seria a cultura, a arte e o pensamento crítico para a sociedade revolucionada pela esquerda? A partir do enunciado o estilo musical funk, como elemento cultural, surge como expressão cultural cultuada pela esquerda, não surge na imagem outro estilo musical. O funk, ritmo que surge nas periferias, tem uma relação histórica com a negação, com o questionamento a esse ritmo, com as polêmicas envolvendo as letras e os *bailes funk*, que foram discursivizados ao longo da história desse ritmo de diversas maneiras. De acordo com Medeiros

O divisor de águas na história do funk foi o Mês de outubro de 1992. Facções rivais de jovens funkeiros se encontraram na Praia do Arpoador e reproduziram ali, em pleno asfalto, em plena luz do dia, os rituais de luta dos bailes de briga. Isso sob o olhar chocado de uma elite que desconhecia esse universo e correu em pânico- achando se tratar de assalto. No dia seguinte, fotos ocupavam as primeiras páginas dos jornais em todo o país e ganhavam manchetes no mundo. O episódio ficou popularmente conhecido como arrastão. Mal-interpretado como um levante de assaltantes, o fato ainda agregou ao termo funkeiro uma conotação de violência.” (MEDEIROS, 2006, p. 54).

Desse modo, o *funk* surge na imagem em seu sentido controverso, associada a uma esquerda que permite que mulheres, com as roupas em questão, dançam no que parece ser uma boate, o que denota esse comportamento feminino face ao que ele considera como a cultura da esquerda.

Em termos de arte e pensamento crítico, o enunciado evoca a memória de acontecimentos que causaram controvérsia no Brasil. Em 2017, ano anterior às eleições presidenciais, a apresentação artística chamada “La Bête”, gerou polêmica³¹ ao permitir que crianças pudessem interagir com um artista nu. A imagem que traz a relação com o pensamento crítico da esquerda, ocorreu em 2016, onde uma manifestante urinou na foto do político Jair Bolsonaro. Embora seja feita uma relação com a história, as imagens são isoladas de seus contextos e então reorganizadas a partir de concepções do sujeito enunciator criando esse efeito discursivo de que a esquerda criou concepções polêmicas sobre a arte e o pensamento crítico da esquerda é resumido à imagem de uma mulher em ato de manifestação política.

Desse modo, as imagens referidas no texto verbal como “marmotas”, não

³¹<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>. Acesso em 25/04/2021.

apenas identificam as subjetividades da esquerda, mas as classificam como fruto de uma “revolução” que deu errado. O uso da palavra “*revolucionou*” evoca a memória de movimentos que tem buscado ao longo da história por mudanças. Há diversos movimentos históricos de grande importância que são batizados com a palavra revolução, a exemplo da *Revolução Francesa*, *Revolução Industrial*, *Revolução Russa*, e essa ideia de grandes movimentos que modificaram é resgatada, porém, no sentido de uma revolução fracassada.

Por fim, nessa relação entre diferentes sujeitos nesse espaço, há gestos de apoio e legitimação dos enunciados que emergem. Em um deles, o sujeito enuncia a “*triste realidade*”, no outro, o sujeito questiona a ideia de modernidade, “*dizem eles que isso é moderno*”, esse “eles” em referência aos sujeitos de esquerda, guarda essa relação com posições mais conservadoras dos sujeitos de direita em relação aos desdobramentos da modernidade. Assim, passamos a seguir ao *post* número três.

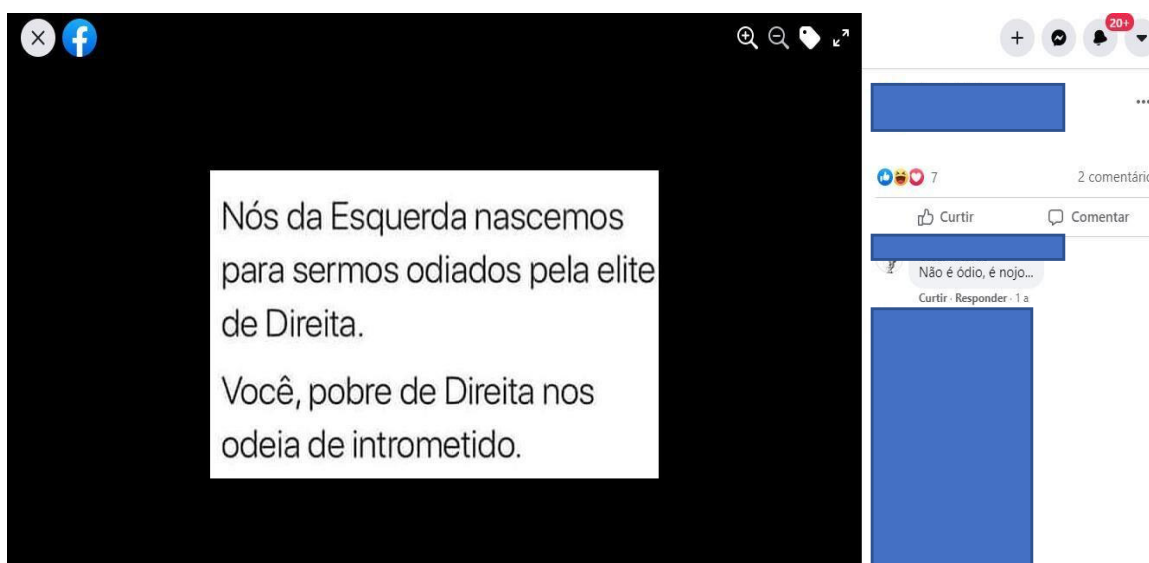


Figura 14: post 3. fonte: facebook.com

O texto verbal traz a ideia de um “*Nós*” de esquerda como ideia totalizante. A subjetividade da direita é formada aqui a partir de sujeitos de elite, dessa posição socioeconômica privilegiada. Ademais, o “*ódio*” à esquerda é trazido como elemento constitutivo da subjetividade que forma a direita. Um elemento quase que natural, arraigado ao nascimento dos sujeitos da esquerda.

Já a mobilização do “você”, enunciado é direcionado a um “você” específico, não a qualquer sujeito de direita, mas ao pobre de direita. O sujeito cria o efeito de sentido em que a pessoa considerada pobre não está autorizada a entrar na ordem do discurso da elite. A subjetividade da direita de elite é autorizada não relação com o ódio ao sujeito de esquerda, o mesmo não acontece com o pobre de direita, essa relação não é natural e não tem razão de ser, uma vez que esse sujeito de direita seria um intruso. Essa ideia subjaz a ideia de que a população que não considerada elite, os pobres, deveria pertencer à posição de esquerda.

O sujeito nos comentários enuncia que “*não é ódio, é nojo...*”, nesse momento não fica claro quem enuncia, seria o sujeito da elite da direita ou o sujeito pobre da direita?. De qualquer forma, a palavra nojo traz a ideia de repulsa a essa esquerda existente. Surgem elementos que mobilizam subjetividades de uma direita que é formada pela elite, mas também de uma parcela que formada por pessoas menos abastadas, considerados pobre são identificados como de direita.

O último *post* analisado traz novamente uma montagem com diferentes imagens. Nesse aspecto, as redes sociais possibilitaram a emergência com maior regularidade de diversas formas de circulação dos enunciados. As montagens, os memes, as colagens, por vezes sem autoria conhecida, diversificam as formas de aparição dos enunciados. Como afirma Courtine

A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, representação extremamente complexa na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais, em que o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que expressão pela linguagem se conjuga como a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora do seu contexto, em que não se pode mais separar ***linguagem e imagem***. (COURTINE *apud* PIOVEZANI, 2006, p. 176).



Figura 15: post 5. Fonte: Facebook.com

A diversidade das imagens acima faz emergir variadas subjetividades que subjazem a identidade da esquerda e da direita. Como afirma Foucault (2016) todos esses enunciados não estão isolados, estão em relação uns com os outros, produzindo um conjunto, reunidos por meio de um sistema de dispersão. Assim, operando com a regras de formação desses enunciados, conseguimos perceber, como temos feito por meio das outras análises, que subjetividades emergem nesse espaço a partir dessa identificação entre direita e esquerda.

Assim, comecemos pelo enunciado verbal mobilizado pelo sujeito na legenda, “*Stalin revoltado no caixão com a esquerda de hoje*”. A ideia de “esquerda de hoje” pressupõe a ideia de mudança ao longo do tempo, de uma esquerda que é diferente do passado e que tem como símbolo Joseph Stalin. Este estaria em uma posição de discordância em relação à configuração da esquerda no presente.

A memória evocada de Joseph Stalin guarda relação com seu papel como um dos governantes da antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Stalin é considerado como um revolucionário comunista, mas também é considerado como um ditador por muitos. A imagem de Stalin “revoltado” com as novas subjetividades da esquerda dialoga com a ideia de que seu projeto de comunismo teria fracassado.

Ao lado de Stalin está a figura de Adolph Hitler, sorrindo em direção a Stalin, como gesto de sarcasmo. Cabe ressaltar a relação histórica entre essas duas figuras. Adolph Hitler e Joseph Stalin chegaram a assinar um pacto de não-agressão, que foi posteriormente quebrado por Hitler. No entanto, a aliança entre os dois, bem como a similaridade na figura de ditadores, está na memória histórica.

Mas Hitler também evoca uma outra memória que tem relação com a identidade da esquerda. Há alguns anos no Brasil tem sido propagada a ideia de que o nazismo é de esquerda. A partir dos anos 2000, o ícone da direita no Brasil, Olavo de Carvalho, levanta o debate sobre o nazismo como uma ideologia de esquerda. O argumento maior estaria no nome oficial do partido nazista - Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou NSDAP, a palavra socialista revelaria essa identidade de esquerda. Essa teoria é negada pela maioria dos historiados, eles afirmam que o uso de tal palavra serviu somente para atrair os trabalhadores.

As imagens que aparecem embaixo - as que estariam deixando Stalin revoltado – expõem as inúmeras subjetividades da atual. Elas perpassam por diversas questões

Na imagem é possível perceber três ocorrências do símbolo da foice e do martelo. Esse símbolo representa o comunismo e os partidos comunistas, onde o martelo e a foice apresentam a união de duas forças que juntas alcançariam o advento da almejada revolução. Mas, na imagem, esses símbolos surgem em relação com outros elementos.

Um dos símbolos aparece em forma de bandeira com a imagem de dois homens se beijando na frente. Em uma outra imagem, um homem empunhando a foice em uma das mãos e o martelo na outra surge juntando o símbolo, este homem está com uma roupa que possui as cores que representam a bandeira LGBTQIA+, um outro jovem também segura um cartaz com várias frases em inglês, entre elas *“Queer socialist”* e *“Revolution now”*, e um punho cerrado com as cores da bandeira do movimento LGBTQIA+, em outro ângulo, um rapaz também segurando uma bandeira as cores da bandeira do movimento gay aparece com a camisa do revolucionário cubano Che Guevara. Essas imagens em relação umas com as outras permitem a enunciação de uma esquerda identificada com as pautas LGBTQIA+, as subjetividades surgem aqui em uma

relação em que a esquerda diferente da histórica direita mais conservadora, estaria em relação de identificação com esse grupo.

Chama a atenção a regularidade da aparição desses enunciados, onde em três dos quatro *posts* analisadas surge a subjetividade dos LGBTQIA+. Tanto na primeira, ao citar a luta contra a homofobia, quanto na segunda, nas diversas formas (travesti, transsexual, a ideologia de gênero na figura da criança), essa subjetividade está associada a uma identificação com a esquerda.

Surge ainda a figura de Nicolás Maduro, já mencionado em análise anterior como identificado pela direita como um ditador de esquerda. A outra imagem de um político é a de Evo Morales em um encontro com o Papa Francisco, em 2015. A imagem, que pode ser vista melhor abaixo, traz o pontífice recebendo um presente do presidente boliviano. O presente era um crucifixo em madeira com Cristo sobre uma foice e um martelo.



Figura 16: Papa Francisco recebe presente de Evo Morales.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/religiosos-consideram-presente-de-evo-morales-ao-papa-uma-provocacao.html>.

Essa relação entre os dois símbolos trouxe duras críticas ao presidente a época por ter soado como desrespeito. A simbiose de dois símbolos carregados de significados retomou a relação entre o comunismo e a igreja católica. A relação entre as doutrinas da igreja católica e do comunismo tem historicamente pontos que dificultaram, quando não impossibilitaram por completo essa relação. Ao trazer essa imagem, o sujeito resgata esse evento, trazendo essa relação entre um cristão e um comunista, na figura de duas autoridades.

A figura de Stalin também entra nesse jogo de sentidos históricos, uma vez que a União Soviética perseguiu e desencorajou qualquer forma de cristianismo. Durante o período de sua existência, a bíblia chegou a ser proibida

e qualquer um que fosse visto o livro poderia ser preso. Essas medidas visavam a desconstrução de qualquer tipo de crença.

Durante o oitavo congresso dos Partidos Comunistas, ficou determinado que o partido visa a destruição completa das ligações entre as classes opressoras e a propaganda religiosa, ao mesmo tempo apoia a libertação real das massas trabalhadoras dos preconceitos religiosos e organizará a propaganda de educação e esclarecimento antirreligioso mais ampla possível, como afirma Leirias (2016).

Assim, emerge a subjetividade de uma esquerda em comunhão com a igreja católica. Algo na contramão do projeto inicial dos partidos comunistas. Essa seria uma das razões que deixaram Stalin revoltado.

Nos comentários, outro sujeito enuncia, “*nah, estamos bem*”, acompanhado de uma imagem que pode ser vista melhor abaixo.



Figura 17: imagem sobre a esquerda antiga e a atual. Fonte: Facebook.com

A relação aqui estabelecida, permite que haja uma identificação com uma esquerda que não mudou com o tempo. Ela continua fiel a seus propósitos de luta e revolução, com a participação de todos os gêneros. Uma esquerda que empunha sua bandeira vermelha e vai à luta pelos seus ideais.

A miríade de *posts* que surgem nesse grupo, durante o período de análise, representa o calor do momento político do Brasil a época. A importância com que as redes sociais surgem nessa configuração revelam esse deslocamento do espaço de expressão e interação dos sujeitos na atualidade. O *Facebook*, enquanto espaço heterotópico, permite esses vários movimentos e gestos que possibilitam a expressão de diversas subjetividades.

Nos *posts* analisados as subjetividades de Direita e de Esquerda guardam relação com o momento em que o Brasil se encontrava, mas também resgatam relações históricas que surgem em forma de enunciados e são construídas pelos fios da memória.

Essas subjetividades emergem a partir dos sujeitos que enunciam e da sua relação com outros sujeitos. As identificações de esquerda e direita, a partir dessas subjetividades, mostram essa nova configuração, que, longe de ser fixa, está alinhada a essas inúmeras possibilidades de posições a serem ocupadas no campo político.

Os conceitos fechados sobre as identidades de direita e esquerda tem dado lugar a esse campo de identificação. O reconhecimento dessas afiliações tem operado no campo das produções de subjetividades, assim, perguntas como: “o que é direita e o que é esquerda?”, dão lugar a “o que é ser de direita e o que é ser de esquerda?”, mostrando que é no âmbito da expressão das subjetividades que o campo político tem operado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário político nacional e a dinâmica das redes sociais permitem que novas subjetividades sejam criadas. Na atualidade, as notícias políticas são formadas da relação da mídia tradicional e da circulação do discurso político proporcionadas pelas tecnologias digitais. O discurso político, assim, toma conta de novos espaços, não está mais restrito a palanques e debates em praças públicas, ele agora circula com maior fluência nas redes sociais, moldando os sujeitos, se adequando ao espaço, adquirindo novas forma e possibilitando diversas subjetividades.

Longe de tratar as subjetividades que emergem da identificação como de direita ou de esquerda, as redes sociais, e aqui em especial o *Facebook*, movem-se pelo social, pelo histórico, trabalham com significados diversos, todos ao mesmo tempo, permitindo que surjam subjetividades que possam permear livremente pelos seu espaço, unindo-se e se contradizendo.

As subjetividades políticas emergidas nesse espaço, refletem o exterior e permitem que seja possível entender acontecimentos que tem início no seu exterior. Se o clima é de polarização política no Brasil, as novas subjetividades refletem a consequência desse fenômeno.

A partir desse contexto de instabilidade política, polarização nacional levando em conta uma série de eventos que culminaram nas eleições de 2018, foi possível analisar como os sujeitos mobilizaram enunciados que permitiram identificar as subjetividades que surgiram naquele contexto.

Assim, começamos a pesquisa no capítulo um mostrando os conceitos históricos sobre política e as ideias políticas. Uma vez que trabalhamos no campo da política, foi necessária essa breve apresentação. Ainda nesse mesmo capítulo vimos as noções históricas sobre essa divisão entre Direita e Esquerda a partir de autores como Norberto Bobbio e Anthony Giddens.

Em seguida, traçamos os pressupostos metodológicos da pesquisa. Apresentando a Análise do Discurso como esse campo multidisciplinar, mostramos suas mudanças ao longo do tempo, a partir de sua divisão em três épocas.

Tratamos também dos conceitos basilares para essa pesquisa. A ideia de enunciado, que para Foucault (2006) é uma função que cruza um domínio de

estruturas e de unidades possíveis que irrompem em determinado período, em determinado lugar e não em outro. O discurso como um conjunto de enunciados que obedecem a regras de funcionamento comum, ainda que emergjam de campos diferentes e o sujeito como uma função vazia, que pode ser ocupada por outros sujeitos, como afirma Courtine (2014).

Em seguida localizamos o discurso político na Análise do Discurso. Assim, vimos que para Piovezani (2009), o discurso político na atualidade está baseado em novas técnicas e novas materialidades. Obedecendo às mudanças ocorridas com o tempo, o discurso político sofreu uma metamorfose. Assim, o surgimento de redes sociais como o *Facebook*, permitiu uma maior fluidez, deslocando os sujeitos dos seus lugares tradicionais, estabelecendo, assim, diferentes relações no campo discursivo.

Traçamos também a diferentes concepções sobre identidade. Esse conceito tão importante para as chamadas sociedades líquidas cunhadas por Zygmunt Bauman, possui diferentes concepções a depender do campo de saber. Para Foucault, a identidade está ligada a uma tradição clássica, a ele interessa saber a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade. Ele busca investigar as diferentes formas pelas quais os indivíduos se tornam sujeitos.

Nessa relação, como isso ocorreria nas redes sociais? Mostramos no capítulo três como surgiram as redes sociais, traçamos um breve histórico, localizamos as redes sociais como espaços heterotópicos e apresentamos a origem, o funcionamento e alguns mecanismos da rede social *Facebook*.

E analisamos os *posts* buscando mostrar as possibilidades de subjetividades que surgem a partir da identificação dos sujeitos de direita ou de esquerda. Essa relação não é simples, ela trabalha com uma rede de memórias que está em relação com outras subjetividades.

Entendendo que o conceito de direita e esquerda não é estanque, que ele mudou ao longo da história, percebemos que o mesmo ocorreu com as identificações relativas a ele. Assim, as subjetividades que emergem em um dado tempo guardam relação com a história, com as relações de poder e operam no domínio das memórias.

Percebemos que o sujeito ao enunciar cria possibilidades de subjetividades. Surgem, assim, as subjetividades dos sujeitos de esquerda que

lutam contra a desigualdade, a fome, as mazelas da sociedade, diferente dos sujeitos de direita, mas surgem também a possibilidade de subjetividade de um sujeito de esquerda que fracassou ao tentar revolucionar a sociedade, por exemplo.

A análise dos *posts* permitiu vislumbrar as subjetividades que subjazem os conceitos de Direita e Esquerda, além das relações que são estabelecidas com a memória e a História. A regularidade na aparição de símbolos, comparações (como as relacionadas à Venezuela), personalidades políticas, mostra a face da direita e da esquerda nesse período.

Longe de fechar conceitos, estabelecer rótulos, tivemos antes o intuito de mostrar as possibilidades de existências dessas, e não de outras, subjetividades. Entendendo que essas aparições guardam relação com o momento político, com o controle da circulação dos enunciados pela mídia tradicional e por novas forças (não esqueçamos das proliferações de *Fake News* que impactam na formação de novas subjetividades), essas subjetividades amanhã podem ser outras, como efetivamente já são, uma vez que a pesquisa se deu a partir do contexto de 2018, de lá pra cá os enunciados mobilizados são os mais diversos, há novas subjetividades (os bolsominions, o gado etc), demonstrando as muitas possibilidades de estudo nesse campo.

REFERÊNCIAS

A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 311-318.

Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-151.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEN-ZE'EV, Aaron. **Love Online: Emotions on the Internet**. Createspace Independent Pub, Scotts Valley, California, 2015.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2007.

BOYD, Danah e ELLISON, Nicole. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, 13 (1), 210-230, 2007.

BRANDÃO, Helena N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

COURTINE, J.J. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário**, in PIOVEZANI FILHO, C.; CURSINO, L.; SARGENTINI, V. M. O. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011.

COURTINE, J.J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCAR, 2014.

FACEBOOK. Disponível em <<https://www.facebook.com/>> Acesso em: 14/05/2018 e 20/06/2019.

FOUCAULT, M. (2004). **A escrita de si**. In M. B. Motta (Org.), *Ética, sexualidade, política*. (E. Monteiro e I. Barbosa, Trad.). (pp. 144-162) Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. 8a. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1995

FISHER, Rosa Maria Bueno. **A análise do discurso: para além de palavras e coisas**. UFRGS, v. 20, n. 2 (1995), p.18 – 37. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71741/40676>. Acesso em 25/04/2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Para Uma Terceira Via**. 1ª ed., Tradução de Saul Barata, Editorial Presença, Lisboa, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, Editora Claraluz, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Identidade: objeto ainda não identificado?**. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 81-97, junho de 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web**. In: (Orgs) FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nadia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas, SP: Pontes, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. *Anais do II SEAD*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/rosariogregolin.pdf>> Acesso em: 01/07/2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Identidade: objeto ainda não identificado?**. *Estudos da Língua (gem) imagens do discurso*. Vitória da Conquista. V. 6, n. 1, p. 81-97, junho. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

IDENTIDADE. In: HOUAISS, **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. P. 396.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje**. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas: Editora Pontes, 2003.

MALTEZ, José Adelino. **Direita e Esquerda**, in *Enciclopédia Luso - Brasileira de Cultura*, nº 9, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa / São Paulo, 1999, p. 450.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SAMPAIO, Rafael. **Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões mediáticos das campanhas políticas online**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 208-221, dez. 2011. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7065/6076>> Acesso em: 04 de março de 2020.

MARQUES, Welisson. **O método arquegenealógico na análise do discurso: o potencial sujeito aprendiz e aprendizagem de língua inglesa no discurso**

publicitário-institucional. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 2, p. 261-272, maio/ago. 2016.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. Dissertação (mestrado em Linguística e língua portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita”. São Paulo, 2009.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo e prazer**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006

MEZAN, Renato. **Psicanálise e Judaísmo: ressonâncias**. Campinas: Ed. Escuta, 1986.

MOCELLIM, Allan. **Internet e identidade: um estudo sobre a rede social Orkut**. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mocellim-allan-internet-e-identidade.pdf>> Acesso em: 17/11/2020.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A construção de identidades nas redes sociais**. *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p.95-102, jan./fev. 2010.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A construção de identidades nas redes sociais**. *Rio de Janeiro*, v. 6, n. 1, p. 1-28, jan/jun. 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2007

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz: dispositivos da fala pública e produção de verdade no discurso político**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel, **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três estrelas, 2017.

SANTOS, Raldianny Pereira dos. **Sujeito, discurso e ideologia: a constituição de identidades na cultura midiática**. *Paraíba*, v. 2, n. 1, p. 1-9, jan/jun. 2009.

SARGENTINI, Vanice. **Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas.** In CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). *Discurso, Semiologia e História.* São Carlos: Claraluz, 2011.

SOARES, Thayane. **DISCURSO COMUNISTA DIRIGIDO AOS CRISTÃOS: sentidos, história e memória no discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014).** Dissertação. (mestrado em Letras). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.

TAVARES, Rui. **Esquerda e direita: guia histórico para o século XXI.** Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

UCHÔA-FERNANDES, José Adjailson. **Os jogo de (se) mostrar / dizer: o sujeito e o discurso sobre a língua Inglesa na rede social Orkut.** 2008. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

VOEGELIN, Eric. **História das ideias políticas.** 1. Ed.- São Paulo: É Realizações, 2017.

ZENHA, Luciana. **Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam?.** Caderno de educação, Belo Horizonte, vol. 1, n. 49, p. 19 – 42. 2017/2018.

ZUCKERBERG, Mark. **A história do Facebook: entrevista a emissora MTV Brasil.** São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://mtv.uol.com.br/blogdosite/facebook.>> Acesso